



**JUNTOS CONSTRUÍMOS
CONHECIMENTO:**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DO
FUNDAMENTAL (TCF) DA EREFEM
ENEIDE COELHO PAIXÃO
CAVALCANTI 2025**

GERMANIA APARECIDA NUNES ALVES DE SOUZA

SEVEN

EDITORA
2026

EDITORIA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

ORGANIZADORA DO LIVRO

Germania Aparecida Nunes Alves de Souza

2026 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2026 Os Autores

Copyright da Edição © 2026 Seven Editora

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Evellyn Thais de Souza

EDIÇÃO DE TEXTO

Stephanie Caroline Meyer de Quadros

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

Evellyn Thais de Souza

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S729j Souza, Germania Aparecida Nunes Alves de.
Juntos Construimos Conhecimento [recurso eletrônico] : Trabalho de Conclusão do Fundamental (TCF) da EREFEM Cavalcanti 2025 / Germania Aparecida Nunes Alves de Souza. – São José dos Pinhais, PR: Editora Seven, 2026.

Dados eletrônicos (1 PDF).

ISBN 978-65-6109-323-1

1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Pesquisa.
4. Conhecimento. I. Título.

CDU 001.8

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

Índices para catálogo sistemático:

1 Pesquisa científica 001.8

DOI: 10.56238/livrosindi202634-001

Seven Publications Company

CNPJ: 43.789.355/0001-14

editora@sevenevents.com.br

São José dos Pinhais/PR

ORGANIZADORA DO LIVRO

Germania Aparecida Nunes Alves de Souza

Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura com título reconhecido no Brasil pela Universidade da Amazônia, UNAMA-PA (2025) e *Master of Science and Technologies Emergents in Education* com diplomação pela *Metropolitan University of Science and Technology, MUST*, Flórida, FL, Estados Unidos, EUA (2023). Possui especializações em Coordenação Pedagógica pela Faculdade Iguaçu, FI-RS (2023) e em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Doctum, UNIDOCTUM-MG (2021). Tem Pós-Graduação *Latu Sensu* em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, Literatura e Artes pela Faculdade Dom Alberto, FDA-RS (2019). É Licenciada em Letras pela Faculdade do Sertão do Pajeú, FASP-PE (2009). Atua como professora de Língua Portuguesa e, também, como orientadora de projetos científicos da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, na cidade de Petrolina-PE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2138196555871007>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5881-4671>

PROFESSORES ORIENTADORES E COORIENTADORES

Alberlandes Santana Coelho

É pós-graduada na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Possui graduação em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE), concluída em 2012. Atuou como professora na Rede Estadual de Pernambuco de 2012 a 2024 e, atualmente, é professora efetiva do Estado de Pernambuco, lotada na Gerência Regional de Educação do Sertão Médio São Francisco.

E-mail: alberlandescoelho@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1383779550166678>

Bruno Gomes Souza de Assis

Especialista Lato Sensu em Teologia Filosófica pela Unifil. Bacharel em Teologia pela FATIN. Licenciado em História pela Uniasselvi. Atua na área de ensino e estudos das humanidades, contribuindo para a formação crítica e reflexiva dos estudantes. É professor de História na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti desde 2024.

E-mail: bruno.gsassis@professor.educacao.pe.gov.br

Cleoneide Vieira de Souza Mendes

Mestra em Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor, pela Escola Superior de Educação João de Deus em Lisboa-Portugal (2021). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco (2003), especialista em Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor-ESEJD (2020) em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada (2009) e especialista em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade de Pernambuco (2007). Atualmente é professora da rede estadual de Ensino de Pernambuco. Tem experiência na área de Educação, com ênfase no trabalho de Educação Especial Inclusiva no Atendimento Educacional Especializado - AEE.

E-mail: cleoneideclara@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0568867276286724>

Jerfferson Evando Feitosa Martins

Especialista em Educação Especial pela Faculdade Focus. Graduado em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Durante a formação, atuou como bolsista de Iniciação Científica, desenvolvendo pesquisas sobre imagem corporal, estado nutricional de adolescentes e valorização e formação docente a partir dos Planos Municipais de Educação (PME) do Piemonte da Diamantina.

Possui publicações em congressos e simpósios científicos, artigo em revista acadêmica e premiação no I Simpósio de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana. Atualmente, é professor de Educação Física na Rede Estadual de Pernambuco e no município de Petrolina-PE.

E-mail: jefinhojuamartins10@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0588284173031679>

Lêuda Fernandes Ferreira

Mestra em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras, Especialização em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Conexão, Especialização em A Linguística e o Ensino de Português e Graduação em Letras com ênfase em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco (UPE). Tem experiência na área de Língua Portuguesa e é coordenadora da Rede Estadual de Pernambuco, lotada na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, sendo responsável pela formação continuada dos professores. É também professora de Língua Portuguesa e Redação na Rede Estadual da Bahia, lotada no colégio Hildete Lomanto. Atualmente faz o Curso de Libras Nível III, ofertado pela Secretaria de Educação de Pernambuco.

E-mail: leuda.fferreira@adm.educacao.pe.gov.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8540260833942796>

Luiza Flávia Maciel Mudo

Mestra em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), tem especialização em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, (UNIVASF), é graduada em Direito pela Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (FACAPE), é licenciada em Letras pela Universidade de Pernambuco, (UPE). Atua como advogada e é professora de Língua Portuguesa pela EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti desde 2021.

E-mail: luizamudo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5779170094541111>

Mário Henrique Braga de Souza

Especialista em Educação e Gestão Ambiental (UNIESB). Licenciado em Biologia pela Universidade de Pernambuco (UPE). Professor de Biologia pelo estado da Bahia (2016 - 2025) - Professor de Ciências e Matemática - SEDUC - Juazeiro/BA (2009 - 2020). Professor de Química, Física e Biologia no Colégio Dínamo - Juazeiro/BA (2015 - 2019). Assessor de Formação de Ciências da Natureza - SEDUC - Juazeiro/BA - (2021 - 2024). Atua como professor de Biologia e Iniciação Científica na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti desde 2024.

E-mail: braga.estadopernambuco24@gmail.com

Maria das Graças de Santana Souza

Pós-graduanda em Educação Especial e Inclusiva (2024) e em Educação Infantil e Alfabetização (2024) pela Faculdade Prominas, PROMINAS, dedica-se ao estudo e à prática de metodologias que promovem o desenvolvimento integral e inclusivo dos estudantes. É licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação Superior de Pernambuco, FAPESP (2020). No momento, atua na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti como Profissional de Apoio Escolar.

E-mail: graca1978santana@gmail.com

Maria Neuma Lima Santos

Possui Especialização em Programa de Ensino de Pedagogia pela antiga Faculdade de Formação de Professores de Petrolina (FFPP). É pós-graduada Lato Sensu em Metodologia do Ensino de História e Educação Especial e Inclusiva – AEE pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (FAC). É Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco (UPE). Além disso, é Bacharela em Enfermagem pela Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU), com pós-graduação em Gestão Hospitalar pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais (IESMIG). Atua como professora na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti desde junho de 2025.

E-mail: neuraamora@gmail.com

Mayara da Silva Santana

Possui pós-graduação em Educação Ambiental e Sustentabilidade. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina. Durante a graduação, atuou como estagiária e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), desenvolvendo atividades nas áreas de Fruticultura e Melhoramento Genético Vegetal, com ênfase em genética e biotecnologia.

Também participou como bolsista do Programa Residência Pedagógica (PRP), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atualmente, é professora efetiva da Rede Estadual de Pernambuco, atuando como docente de Ciências na Escola de Referência em Ensino Fundamental e Médio (EREFEM) Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, no município de Petrolina - PE.

E-mail: mayarasantana860@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1155817719781221>

Poliana Silva dos Santos

Especialista em Letras Português e Literatura Brasileira (ALFA AMÉRICA). Licenciada em Letras Português e Literatura pela Universidade de Pernambuco (UPE). Licenciada em Letras Inglês pelo Centro Universitário ETEP - e-MEC 5669. Leciona na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti desde 2021.

E-mail: liana-po@hotmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5527349306721224>

Rosiana de Brito Luz Castro

Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada – INTA (2009). É Graduada em Pedagogia pela FAVENI (2025). Tem Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Cidade de São Paulo - UNICID (2006). Atua como Educadora de Apoio na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti.

E-mail: rdebritoluzcastro@hotmail.com

Willia Jeane de Amorim Souza

Especialista em Matemática Financeira e Estatística pela Universidade Pro Minas (PROMINAS), Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Cesumar (UNICESUMAR). É licenciada em Matemática Formação de Professores pela Universidade de Pernambuco (UPE) Campus Petrolina - PE. Atualmente é professora de Matemática na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti desde 2021 e pela Escola Antônio Francisco de Oliveira desde 2019.

E-mail: wiliaamorim862@gmail.com

Jailma Rodrigues de Souza

Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Psicomotricidade pela Faculdade Conexão (2024). Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Única de Ipatinga (2021). Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF (2020) e com segunda licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (2022). É autora das publicações “Dengue: um estudo exploratório nas publicações do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC (2009-2019)” e do capítulo de livro “Valorização Docente: um estudo nas escolas”. Atua como professora de Ciências na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti desde 2024.

E-mail: jailmarsouza@hotmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5838472587355871>

Maria Roseneti da Silva Souza

Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade de Educação Superior de Pernambuco (FACESP). Está cursando a pós-graduação em Educação Especial pela Faculdade de Educação Superior de Pernambuco (FAESPE). É Graduada em Letras - Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco (UPE) e em Pedagogia (Prodocência). Atua como professora de Língua Portuguesa na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti desde o ano de 2021.

E-mail: souzapetrolina1@hotmail.com

COORDINADORA EM FORMAÇÃO

Gessica Silva Santos

Graduanda em Pedagogia pela FAVENI, cursando o 8º período, com conclusão prevista para abril de 2026. Dedica-se aos estudos nas áreas de educação infantil, alfabetização e práticas pedagógicas inclusivas. Atualmente, atua como Profissional de Apoio Escolar na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti.

E-mail: gessica.gsscc@gmail.com

APRESENTAÇÃO

O presente livro, **“Juntos Construimos Conhecimento: Trabalho de Conclusão do Fundamental (TCF) da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti”**, reúne os melhores trabalhos apresentados pelos estudantes dos nonos anos do Ensino Fundamental da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, escola estadual semi-integral, localizada na cidade de Petrolina - PE. Os trabalhos foram selecionados com base na avaliação realizada pelas bancas examinadoras durante as apresentações ocorridas entre os dias 04 a 11 de novembro de 2025.

O TCF representa um momento de grande importância na formação dos estudantes do Ensino Fundamental, pois marca o fechamento de um ciclo de aprendizagens, pesquisas e desenvolvimento de competências essenciais para a continuidade da vida acadêmica e iniciação científica. Ao realizarem seus projetos, os estudantes tiveram a oportunidade de investigar temas relevantes, aplicar metodologias de pesquisa, organizar dados, construir produtos e comunicar seus resultados de maneira crítica e criativa, juntamente com os seus professores orientadores.

Esta coletânea de trabalhos tem como objetivo valorizar e tornar públicas as produções que mais se destacaram, seja pela qualidade da investigação, pela pertinência do tema, pela inovação do produto final ou pela clareza e segurança na apresentação oral. Cada capítulo deste livro apresenta um TCF selecionado, trazendo suas introduções, objetivos, metodologias, fundamentações teóricas, resultados, análises e discussões e os produtos finais. O modelo de trabalho escrito foi disponibilizado pela Gerência Regional de Educação (GRE) Petrolina.

Agradecemos às bancas avaliadoras, compostas pelos professores e colaboradores da escola, que com responsabilidade e sensibilidade, analisaram cada trabalho apresentado. Agradecemos também à Gestão Escolar e à Coordenação Pedagógica, que incentivam as equipes a uma cultura de pesquisa, leitura e escrita, permitindo que o TCF na escola, se consolide como uma experiência significativa para toda a comunidade escolar.

Esperamos que esta obra inspire futuras turmas, fortaleça o compromisso com a pesquisa escolar e registre, com orgulho, o empenho dos nossos estudantes do 9º ano. Que cada página seja um convite ao conhecimento, à criatividade e à valorização do protagonismo juvenil.

**Equipe de Orientadores e Coorientadores da
EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com imensa gratidão, a todos que contribuíram para a realização desta coletânea.

À Gerência Regional de Educação - Sertão do Médio São Francisco (GRE - Petrolina), na pessoa de Célia Regina Gonçalves da Silva Carvalho, registro meu agradecimento pelo apoio, incentivo e compromisso com a valorização da pesquisa escolar.

Ao Técnico Formador/CDGE, Ronaldo Oliveira, responsável pelo TCF na GRE de Petrolina.

Às gestoras a da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, Jussiclécia Pereira Alencar e Geane Alves Lima Santana, deixo minha sincera gratidão pelo apoio, confiança e colaboração na construção deste projeto.

Aos professores orientadores e coorientadores, agradeço pelo compromisso, pela dedicação e pela parceria ao longo de todo o processo, contribuindo de maneira essencial para o desenvolvimento das pesquisas.

E aos estudantes pesquisadores, protagonistas desta obra, expresso meu reconhecimento pelo esforço, pela curiosidade científica e pela seriedade com que desenvolveram seus trabalhos.

A todos vocês, o meu muito obrigada.

Prof. ^a M.a. Germania Aparecida Nunes Alves de Souza

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO NO ENFRENTAMENTO AO FEMINICÍDIO.....15

Heloisa Vitória de Souza Viana, Ingridy Jamilly Santos Amado, Maria Clara Santos Soares, Ana Júlia Aparecida Lima Vieira, Alice Araújo da Silva, Maria Eduarda Lima Santos Silva, Prof.^a Esp. Maria Neuma Lima Santos

BULLYING NA ESCOLA: O COMBATE.....22

Emily Vitória da Silva Ribeiro, Gleicimara Souza Macêdo, Samira Rodrigues de Souza, Prof.^a Esp. Mayara da Silva Santana, Prof.^a Esp. Jailma Rodrigues de Souza

BULLYING, RACISMO ESCOLAR E NO ESPORTE: UM MESMO PROBLEMA EM DIFERENTES LUGARES.....29

Joanderson Gabriel da Rocha Silva, Guilherme Gomes da Costa Souza, Raquel de Sousa Oliveira, Keivy Cruz Apolinario, Rudnney Ryan Soza da Silva, Prof. Esp. Jerfferson Evando Feitosa Martins

A HISTÓRIA DO CANGAÇO NO NORDESTE BRASILEIRO.....41

Gabriel Ramon Rodrigues Coelho, Icaro Davy da Silva Ferreira, Matheus Bruno dos Santos, Pedro Emanuel Rodrigues Coelho, Sarah Julia Araujo Ramos, Prof.^a Esp. Wília Jeane de Araújo Souza

DOENÇAS COMUNS, MAS POUCO CONHECIDAS NO BRASIL.....48

Tiago Alves dos Santos, João Alisson da Silva Rodrigues, Luiz Miguel Fernandes da Silva, José Douglas de Pádua Batista, Jailma de Souza Braz Ilquias, Kleiton Sousa Soares, Heitor Lima Damasceno, Prof. Esp. Mário Henrique Braga de Souza

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST'S).....55

Carlos Elói Cezario Resende dos Santos, Glecio Leandro Ferreira Brito, Anderson Raí De Souza Silva, Bruno Mateus Rocha de Souza, Victor Van Helsing Alves Barbosa, Wanderson Fernando Rodrigues da Silva, Prof. Esp. Mário Henrique Braga de Souza

NOMOFOBIA: DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA NAS ESCOLAS.....60

Amanda Araujo Rodrigues, Gabriele Pereira de Souza, Ilana Silva Alencar, Larisa Conceição Mendes Pereira, Maria Eduarda dos Santos Alves, Maria Yasmin Sales Alves, Prof.^a Esp. Poliana Silva dos Santos, Prof.^a Esp. Maria Roseneti da Silva Souza

SEMENTES FINANCEIRAS: PLATAFORMA DE MINICURSO SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA.....	67
Jheniffer Samila de Carvalho Lourenço, Luana Lima de Oliveira, Lucca Gomes Silva, Gustavo Souza Neri, Prof. ^a M.a. Germania Aparecida Nunes Alves de Souza	
O USO EXCESSIVO DO CELULAR E OS SEUS PONTOS NEGATIVOS.....	75
Ana Ketlen Almeida Mendes, Evellyn Vitória Aquino de Lima, Evellyn Eduarda de Moura Souza, Lara Albertina Jorge Inácio dos Santos, Mylena Thayná Souza Rodrigues, Iasmim Amorim Marques, Prof. Esp. Bruno Gomes de Souza de Assis	
SAÚDE MENTAL NA ERA DIGITAL.....	84
Ana Vitória de Araújo, Maria Vitória Silva, Tawany Souza Soares, Yasmim Cordeiro Silva, Prof. ^a Esp. Rosiana de Brito Luz Castro, Prof. ^a M.a. Lêuda Fernandes Ferreira	
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	91
Ana Angelyne Almeida e Silva, Lorrana Evelin Alves Rodrigues, Maria Izabela da Silva Nascimento, Rafaela Damiana da Silva Nascimento, Stefhany Vitoria Ferreira dos Santos, Yasmim Kelly Almeida da Silva, Prof. ^a Esp. Poliana da Silva Santos, Prof. ^a Esp. Maria Roseneti da Silva Souza	
A VIVÊNCIA MATERNA FRENTE AO DIAGNÓSTICO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS E SUPERAÇÕES.....	99
Kathelly Victoria Antas da Silva, Italo Gabriel de Brito Nascimento, Luiz Carlos Ferreira Silva, Douglas Miguel Souza Silva, Emerson de Souza Silva, Prof. ^a Esp. Alberlandes Santana Coelho, Prof. ^a Esp. Maria Roseneti da Silva Souza	
PRODUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS INCLUSIVOS NA PERSPECTIVA DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA).....	104
Alice Gonçalves de Souza Karen, Laryssa da Conceição dos Anjos, Kelvyn da Silva Santos, Maria Clara da Silva, Rebeca Rodrigues Pereira, Williane Vitória Benício de Lima, Prof. ^a M.a. Cleoneide Vieira de Souza Mendes, Prof. ^a Esp. Maria das Graças de Santana Souza, Grad. Gessica da Silva Santos	
PODCAST “VOZES DA ESCOLA”	114
Aryanne Santana De Vasconcelos, Francielly Pereira Vieira Isis Da Paixao Costa, Paula Lethicia Alves Teles, Silvia Leticia Dos Santos Damasceno, Prof. ^a M.a. Germania Aparecida Nunes Alves de Souza	

VOZES SILENCIADAS: A DESVALORIZAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA NO VALE DO SÃO FRANCISCO.....121

Alice da Silva Gonçalves da Penha, Ana Júlia de Oliveira Santos, Maria Monalisa Gomes do Nascimento, Viviane da Silva Alves, Prof.^a M.a. Luiza Flávia Maciel Mudo

TRABALHOS PREMIADOS.....129

SOBRE A ESCOLA.....131

EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO NO ENFRENTAMENTO AO FEMINICÍDIO

Heloisa Vitória de Souza Viana, Ingridy Jamilly Santos Amado, Maria Clara Santos Soares, Ana Júlia Aparecida Lima Vieira, Alice Araújo da Silva, Maria Eduarda Lima Santos Silva, Prof.^a Esp. Maria Neuma Lima Santos

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apresentar como feminicídio é considerado uma das formas mais extremas de violência de gênero e tem se mostrado um grave problema social no Brasil. A pesquisa tem como objetivo conscientizar a sociedade sobre a gravidade e o aumento desse tipo de crime, que ceifa a vida de milhares de mulheres todos os anos. Segundo o Mapa Nacional da Violência de Gênero (2025), os casos de feminicídio continuam em crescimento, demonstrando que a desigualdade de gênero e o machismo ainda persistem de forma alarmante em nossa sociedade. O termo “feminicídio” passou a ser utilizado oficialmente no Brasil em 2015, com a Lei nº 13.104, que incluiu no Código Penal como crime hediondo quando motivado por menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Além dos índices de feminicídio, há ainda registros preocupantes de estupro, agressões físicas e psicológicas que muitas vezes antecedem o ato letal. A escolha deste tema pelas alunas do 9º ano do Ensino Fundamental da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti surgiu da observação do aumento dos casos e do desejo de contribuir para a conscientização da comunidade escolar.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Conscientizar os estudantes da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti sobre a gravidade do feminicídio e importância do combate à violência contra a mulher por meio de ações educativas na escola.

Objetivos específicos

1. Identificar as principais causas e fatores de risco relacionados ao feminicídio;
2. Compreender as dimensões sociais, culturais e psicológicas envolvidas na violência contra a mulher;
3. Promover reflexões na comunidade escolar sobre a importância da prevenção e da denúncia da violência de gênero.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e descritiva, desenvolvida pelas alunas do 9º ano do Ensino Fundamental da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti. A revisão bibliográfica foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2025 e teve como base artigos acadêmicos, sites institucionais e relatórios oficiais sobre o tema como o Google Acadêmico e o Monitor de Feminicídios no Brasil – LESFEM da Universidade Estadual de Londrina.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica tem por objetivo reunir e analisar contribuições teóricas já publicadas sobre determinado tema, permitindo a compreensão aprofundada do problema estudado. Dessa forma, o trabalho buscou compreender o feminicídio a partir de fontes confiáveis, como a Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Senado Federal e o Dossiê Feminicídio da Agência Patrícia Galvão. Além da revisão bibliográfica, as alunas promoveram momentos de diálogo com outros estudantes e professores, a fim de levantar percepções sobre a violência contra a mulher e

reforçar a importância da empatia e da denúncia. Essa abordagem educativa com entrega de folhetos pôde reforçar o papel da escola como espaço de reflexão e transformação social.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Saffioti (2015), a violência contra a mulher é um reflexo direto das estruturas patriarcais que historicamente colocaram o homem em posição de superioridade. Essa desigualdade de gênero é um dos principais fatores que alimentam o feminicídio, perpetuando um ciclo de dominação e silêncio.

Para Bourdieu (1999), o poder simbólico do machismo é sustentado por práticas culturais e sociais que naturalizam a inferioridade feminina. Nesse sentido, combater o feminicídio exige não apenas medidas legais, mas também ações educativas que promovam uma mudança cultural. Já segundo Scott (1995), o gênero é uma construção social que precisa ser desconstruída para que haja igualdade entre homens e mulheres.

As estatísticas apresentadas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025) revelam que quatro mulheres são assassinadas por dia no Brasil em razão do gênero. Isso demonstra que, embora haja avanços legislativos, como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), as políticas públicas ainda são insuficientes para garantir a segurança e integridade das mulheres.

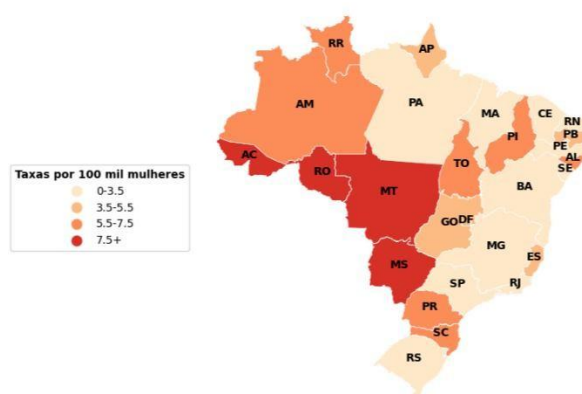
5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

A partir da análise dos materiais pesquisados, observou-se que feminicídio é resultado de um contexto social marcado pela desigualdade de gênero e pela naturalização da violência doméstica. As discussões realizadas na escola evidenciaram que muitos alunos desconheciam o significado jurídico e social do termo feminicídio, o que demonstra a necessidade de

ampliar o debate sobre o tema nas instituições de ensino. Durante a pesquisa, verificou-se que a maior parte dos casos ocorre dentro do ambiente doméstico, sendo os agressores, em sua maioria, parceiros ou ex-parceiros das vítimas. Esse dado reforça a importância de políticas de proteção e acolhimento às mulheres em situação de risco, além da necessidade de conscientização sobre as formas de denúncia, como o Disque:180.

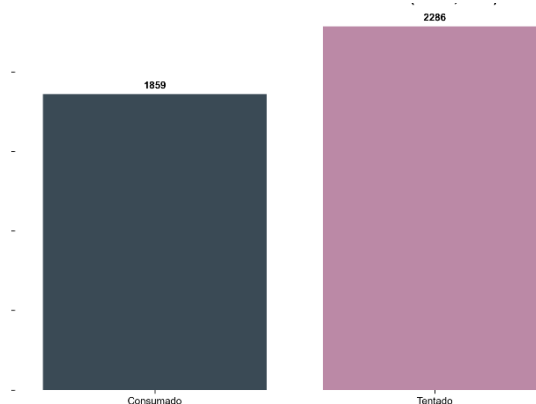
A discussão também mostrou que a educação tem papel fundamental na transformação social. Projetos pedagógicos que abordam a igualdade de gênero e os direitos humanos contribuem para a formação de cidadãos mais críticos, empáticos e comprometidos com a justiça social.

Gráfico 1: Mapa Sobre a Violência contra a Mulher 2024



Fonte: LESFEM (2025).

Gráfico 2: Total dos Feminicídios Consumados e Tentados

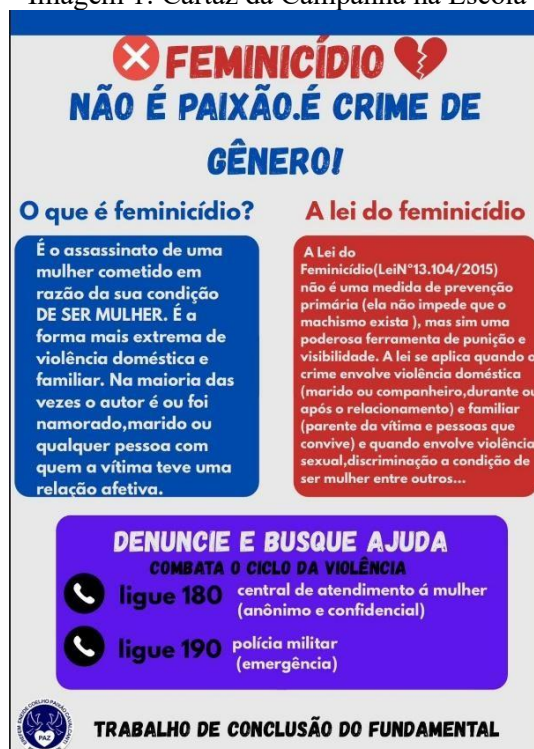


Fonte: LESFEM (2025).

Os dados mostraram que, em 2024, o Brasil registrou 1.859 casos de feminicídios consumados e 2.286 tentativas. Isso significa que, mesmo com muitas mulheres conseguindo sobreviver aos ataques, o número de agressões graves ainda é muito alto. Esses números mostram que a violência contra a mulher continua sendo um problema preocupante e que é preciso fortalecer as ações de proteção e conscientização, principalmente nas escolas e nas comunidades.

O mapa do Brasil revela que os estados com maiores taxas de feminicídio estão concentrados nas regiões Centro-Oeste e Norte, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Já nas regiões Sudeste e Nordeste, as taxas são um pouco menores, mas a violência ainda existe. Esses dados mostram que o feminicídio é um problema que afeta o país inteiro e que é preciso investir mais em educação, prevenção e apoio às mulheres para reduzir esses casos.

Imagem 1: Cartaz da Campanha na Escola



Fonte: As autoras (2025).

Nesse propósito, a equipe produziu um cartaz que contém informações sobre o que é feminicídio, a lei do feminicídio e as centrais de ajuda. O grupo passou orientando em todas as salas da escola para a campanha e o projeto.

6 PRODUTO FINAL

Como resultado da pesquisa, as alunas desenvolveram um cartaz informativo sobre o feminicídio, contendo orientações sobre como identificar situações de risco, canais de denúncia e mensagens de conscientização.

O material impresso foi distribuído na escola e o formato virtual compartilhado nas redes sociais da instituição como WhatsApp e Instagram, para o alcance da campanha educativa. O material educativo foi produzido na Plataforma Canva, com o texto colorido e chamativo propositalmente que buscou promover a informação como forma de prevenção, destacando que a denúncia é o primeiro passo para romper o ciclo da violência. Dessa forma, o produto final representa uma ação prática e significativa do projeto, reforçando o papel da educação como agente de transformação social.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Feminicídio: uma epidemia ignorada. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/feminicidio-uma-epidemia-ignorada>. Acesso em 10 de setembro de 2025.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.

MONITOR de Feminicídios no Brasil – LESFEM/UEL. Feminicídios consumados e tentados no Brasil – 2024. Londrina: Laboratório de Estudos de Feminicídios no Brasil – LESFEM/UEL, 26 fev. 2025. Disponível em: <https://sites.uel.br/lesfem/monitor-brasil/feminicidios-consumados-e-tentados-no-brasil-2024/>. Acesso em: 26 de outubro de 2025.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

Violência de gênero e feminicídio no Brasil: desafios legais e ações. Revista Contribuições, 2025.

BULLYING NA ESCOLA: O COMBATE

Emily Vitória da Silva Ribeiro, Gleicimara Souza Macêdo, Samira Rodrigues de Souza, Prof.^a Esp. Mayara da Silva Santana, Prof.^a Esp. Jailma Rodrigues de Souza

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da observação de comportamentos e atitudes presentes no cotidiano escolar, como apelidos ofensivos, exclusão de colegas, brincadeiras de mau gosto e falta de empatia entre os estudantes. Tais situações, muitas vezes naturalizadas, revelam que ainda há uma distância significativa entre os valores de respeito e convivência trabalhados nas aulas e as práticas vivenciadas no ambiente escolar. Diante disso, surgiu a necessidade de investigar como que o bullying está presente no ambiente escolar e como que ele é percebido pelos estudantes a fim de desenvolver ações de enfrentamento dessa problemática pelos estudantes e a comunidade escolar.

Segundo Fante (2005), o bullying escolar afeta o desenvolvimento emocional e social das vítimas, o que reforça a importância de ações educativas que promovam o respeito. Nessa linha, Freire (1996) afirma que a educação é um ato de amor e coragem, essencial para transformar realidades e combater a violência no ambiente escolar.

Dessa forma, este trabalho busca entender como que o bullying ocorre dentro do espaço escolar e como ele é percebido pelos estudantes, para que, a partir disso, se estimule atitudes de respeito, empatia e convivência saudável entre os alunos e toda a comunidade escolar.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar as principais formas do bullying no espaço escolar e propor iniciativas de enfrentamento, pautadas no respeito e na empatia entre os estudantes.

Objetivos específicos

1. Identificar situações de bullying e atitudes de exclusão ou desrespeito no ambiente escolar;
2. Propor ações educativas e estratégias de prevenção ao bullying na escola;
3. Estimular reflexões sobre empatia, respeito e cidadania entre os alunos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza quantitativa e descritiva. O presente estudo sobre o combate ao bullying na escola foi desenvolvido com base na realidade vivenciada na Escola Estadual Eneide Coelho Paixão Cavalcanti e em sua comunidade escolar. A pesquisa ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2025, com a participação de 33 estudantes do 9º ano e a orientação de duas professoras de Ciências, que acompanharam todas as etapas do processo investigativo.

Para compreender melhor o fenômeno do bullying, foram realizadas leituras iniciais sobre convivência escolar, respeito às diferenças e mediação de conflitos, com o apoio das docentes orientadoras. Em seguida, aplicou-se um questionário elaborado no Google Forms, contendo perguntas objetivas que possibilitaram conhecer, de forma agrupada, as percepções dos alunos sobre o tema.

Como parte das ações educativas, foi elaborado um jogo de tabuleiro voltado à temática do combate ao bullying, com o objetivo de promover a

inclusão, o envolvimento dos alunos e o desenvolvimento de atitudes de respeito e empatia no ambiente escolar.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O bullying escolar é uma forma de violência que prejudica o desenvolvimento emocional e social dos alunos. Segundo Silva e Oliveira (2022), seu combate exige o envolvimento de toda a comunidade escolar, incluindo professores, gestores, alunos e famílias, para promover um ambiente seguro e acolhedor.

Programas de prevenção com atividades pedagógicas, como dramatizações, rodas de conversa e jogos cooperativos, fortalecem a empatia e reduzem atitudes agressivas. Como destacam Almeida et al. (2021), essas práticas contribuem para relações respeitosas e positivas entre os estudantes. A legislação brasileira, por meio da Lei nº 13.185/2015, reforça a importância de medidas educativas e preventivas nas escolas. Carvalho e Santos (2023) ressaltam que essas políticas fortalecem ações institucionais e dão maior visibilidade ao tema.

Por fim, a participação ativa dos alunos nas iniciativas antibullying é essencial para o sucesso das ações. Pereira e Costa (2020) afirmam que o engajamento estudantil promove pertencimento, responsabilidade coletiva e uma cultura escolar mais inclusiva e respeitosa.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

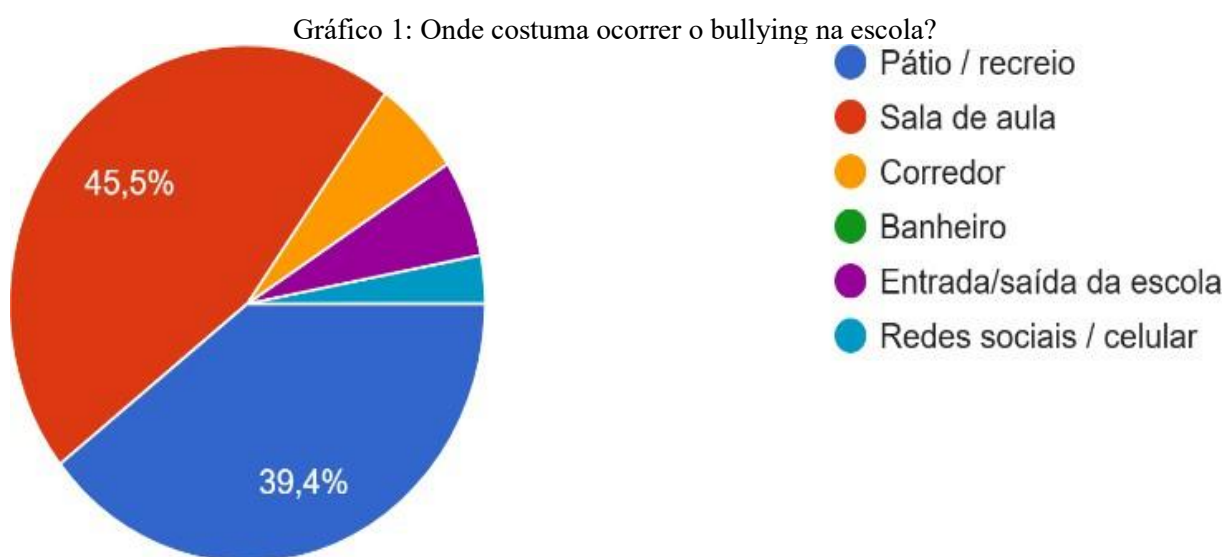
Os resultados da pesquisa permitem avançar na compreensão do bullying dentro do espaço escolar, possibilitando o desenvolvimento de novas formas de enfrentamento.

A primeira pergunta da pesquisa objetivou saber se os participantes já haviam sofrido bullying na escola. Do total, 48,5% responderam que

raramente sofrem, e 21,2% afirmaram que frequentemente são vítimas de bullying.

Ao serem questionados sobre quais tipos de bullying já haviam sofrido ou presenciado, 69,7% dos participantes responderam intimidação verbal, compreendida aqui como xingamentos e apelidos indesejados. As outras formas de bullying mencionadas foram exclusão social e agressão física, respectivamente.

Em relação ao espaço em que essas ações ocorrem, 45,5% dos participantes marcaram a sala de aula, seguida pelo pátio, na hora do recreio (39,4%). Quanto a quem pratica o bullying, mais da metade dos estudantes responderam que são colegas da mesma série (60,6%).



Fonte: Os autores (2025).

Sobre a atitude dos estudantes ao sofrerem ou presenciarem bullying, a maioria informou ficar em silêncio e não fazer nada (33,3%); 21,2% disseram tentar defender a vítima. Apenas 12,1% opção menos votada disseram contar para um professor ou funcionário.

Quanto às regras e condutas que a escola apresenta sobre o bullying, 48,5% dos participantes disseram que são pouco claras. No entanto, ao serem

questionados se sabiam a quem denunciar um caso grave de bullying, 87,9% afirmaram que sim.

Outro dado importante revelado pela pesquisa é que a sala de aula é o local mais propício à prática do bullying, o que exige maior atenção por parte dos professores e da escola, já que os estudantes passam a maior parte do tempo nesse espaço. Além disso, ao indicarem que ficam em silêncio diante das ações de bullying, os estudantes revelam a necessidade de uma comunicação mais clara e acolhedora, que lhes dê segurança para procurar ajuda, uma vez que, embora a maioria saiba a quem recorrer, isso não significa que efetivamente o farão.

6 PRODUTO FINAL

Diante dos resultados obtidos com a pesquisa, compreendeu-se que o bullying persiste no ambiente escolar e que é importante procurar novas alternativas para enfrentá-lo. Diante disso, realizou-se momentos de roda de conversa com os alunos para que eles tivessem a oportunidade de conversar sobre o tema, se expressar e trocar experiências com os colegas para além do que foi informado na pesquisa.

Além disso, foi criado um jogo de tabuleiro especialmente para os momentos de interação, no qual os estudantes avançavam por casas que continham perguntas relacionadas à temática em debate. Mais do que acertar as respostas, o objetivo era estimular a construção coletiva de reflexões, permitindo que os alunos elaborassem suas falas com base nas experiências e ações que vinham sendo desenvolvidas. Com isso, o bullying deixava de ocupar um lugar de silêncio e isolamento, passando a ser discutido de forma aberta e significativa, dando voz aos estudantes e fortalecendo uma cultura de enfrentamento dentro da escola.

Por fim, acredita-se que os objetivos do trabalho foram plenamente alcançados. A partir da compreensão proporcionada pela pesquisa, foi

possível desenvolver ações coerentes e eficazes, capazes de sensibilizar os estudantes e promover um espaço de escuta ativa e enfrentamento consciente dessa problemática. Essa abordagem contribuiu para fortalecer uma cultura escolar mais acolhedora, participativa e comprometida com a prevenção do bullying.

Figura 1: Aplicação do jogo de tabuleiro



Fonte: os autores (2025)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.; LIMA, P.; SANTOS, J. Estratégias pedagógicas no enfrentamento ao bullying escolar. *Revista Contextos Educacionais*, v. 25, n. 3, p. 45– 60, 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>

CARVALHO, M.; SANTOS, A. Políticas públicas e o combate ao bullying nas escolas brasileiras. *Revista Educação e Contemporaneidade*, v. 28, n. 1, p. 112–126, 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PEREIRA, L.; COSTA, F. Participação estudantil e mediação de conflitos no ambiente escolar. *Revista Psicologia e Educação*, v. 24, n. 2, p. 67–80, 2020.

SILVA, D.; OLIVEIRA, T. Bullying escolar e o papel da comunidade educativa na prevenção da violência. *Revista Brasileira de Psicopedagogia*, v. 39, n. 118, p. 98–110, 2022.

BULLYING, RACISMO ESCOLAR E NO ESPORTE: UM MESMO PROBLEMA EM DIFERENTES LUGARES

Joanderson Gabriel da Rocha Silva, Guilherme Gomes da Costa Souza, Raquel de Sousa Oliveira, Keivy Cruz Apolinario, Rudnney Ryan Soza da Silva, Prof. Esp. Jerfferson Evando Feitosa Martins

1 INTRODUÇÃO

O racismo e o bullying são problemas sociais que afetam diretamente a vida de crianças, adolescentes e adultos. No ambiente escolar, essas práticas prejudicam a convivência entre os estudantes, dificultam o aprendizado e geram situações de exclusão. Já no esporte, especialmente no futebol, o racismo ainda é frequente, sendo noticiado em partidas nacionais e internacionais. Esses acontecimentos refletem uma sociedade que, apesar de avanços legais e educativos, ainda precisa enfrentar preconceitos enraizados (MUNANGA, 2005).

Além disso, o futebol, que é considerado uma das maiores paixões do povo brasileiro, mostra como o racismo vai além da sala de aula e pode estar em todos os espaços de convivência (NUNES, 2020).

Assim, este trabalho tem como problema de pesquisa: *quais consequências do racismo no ambiente escolar e no futebol, relacionando-o ao bullying?*

A realização deste estudo se justifica pela necessidade de conscientizar a comunidade escolar sobre os impactos do racismo e do bullying no desenvolvimento social e educacional dos estudantes. Segundo a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, a educação é um caminho essencial para combater práticas discriminatórias (BRASIL, 2003).

O tema é importante não apenas para entender os problemas, mas também para propor caminhos de mudança. Por meio do conhecimento, da

reflexão e do diálogo, é possível construir um ambiente mais justo, inclusivo e respeitoso (CAVALLEIRO, 2001).

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Discutir as consequências do racismo no ambiente escolar e no futebol, relacionando-o ao bullying, e refletir sobre possíveis formas de prevenção e combate a essas práticas.

Objetivos específicos

- Identificar no ambiente escolar se os estudantes já vivenciaram ao sofreram algum tipo de bullying ou racismo.
- Analisar se os estudantes sabem das consequências para a saúde do bullying e racismo durante a adolescência.
- Identificar se os estudantes entendem as expressões racista no meio do futebol e no meio social, principalmente no ambiente escolar.

3 METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado na escola EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcante, na cidade de Petrolina-PE. Essa unidade se encontra no bairro João de Deus, sendo nosso público-alvo crianças e adolescentes do ensino fundamental do 6º ao 9º ano.

A pesquisa se deu através de um questionário social, com autoria própria e orientado pelo professor Jerfferson Martins. O questionário visa analisar se os estudantes já sofreram racismo ou bullying e suas consequências para a saúde e como as expressões racistas no futebol está vinculado ao racismo social, dentre eles no ambiente escolar. Essa pesquisa de uma abordagem quantitativa e descritiva.

Para início, foi feito uma visita a direção da escola para autorizar a realização da pesquisa nos estudantes. Assim que autorizado, os estudantes

que quisessem participar voluntariamente poderiam responder as perguntas de forma sigilosa. Além disso, foram explicados que não serão divulgados os dados pessoais dos entrevistados. Os estudantes eram abordados de forma aleatória, sendo realizado a pesquisa nos intervalos das aulas.

O questionário foi aplicado no mês de setembro e conta com 7 perguntas objetivas com temáticas de racismo no ambiente escolar e do futebol e suas consequências para a saúde na adolescência.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Silva (2019), o racismo é uma forma de discriminação que se manifesta por meio de atitudes, palavras e comportamentos que inferiorizam pessoas negras ou de outros grupos étnicos. No ambiente escolar, essa prática afeta o rendimento dos alunos e sua autoestima, além de prejudicar a convivência coletiva.

O bullying, por sua vez, pode ser definido como um conjunto de agressões físicas, verbais ou psicológicas repetitivas, geralmente direcionadas a um colega em situação de vulnerabilidade (OLIVEIRA, 2020). Muitas vezes, o bullying está relacionado ao racismo, quando os alunos são ridicularizados por sua cor de pele, cabelo ou origem cultural (SOUZA, 2017).

A escola tem papel central nesse processo. Segundo Cavalleiro (2001), muitas vezes o racismo é silenciado ou tratado como algo secundário dentro da educação, o que dificulta o enfrentamento do problema. Para que mudanças reais ocorram, é necessário incluir no currículo escolar práticas pedagógicas que valorizem a diversidade étnico-racial e promovam a empatia entre os alunos. A obrigatoriedade da Lei nº 10.639/2003 reforça esse compromisso, ao exigir o ensino da história e cultura afro-brasileira como parte da formação educacional (BRASIL, 2003).

Além disso, o futebol pode ser compreendido como um espelho da sociedade. Nunes (2020) afirma que os estádios revelam tanto a paixão dos

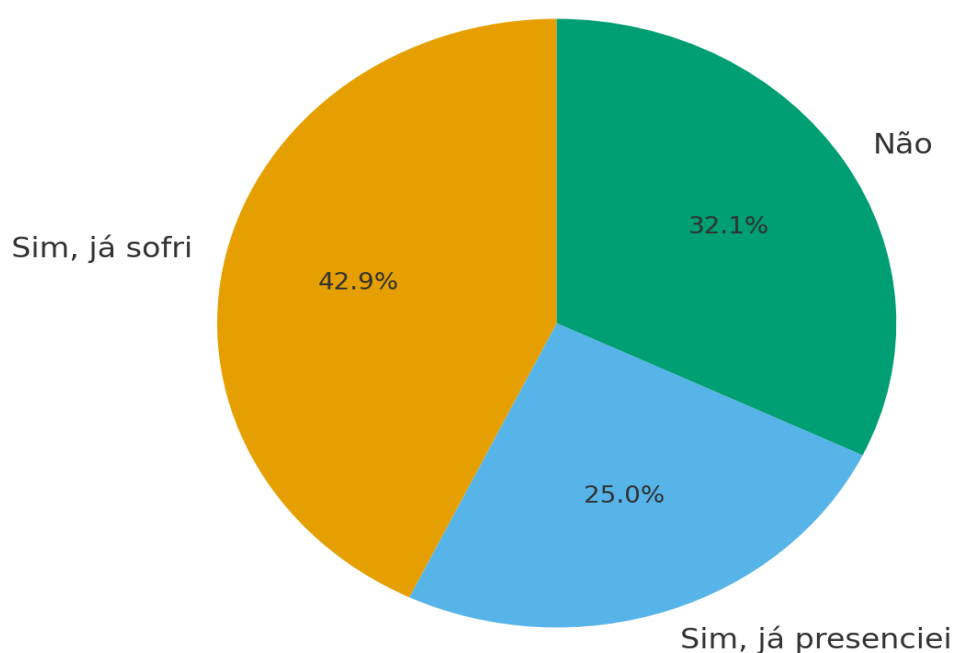
torcedores quanto a reprodução de desigualdades históricas. Quando um jogador é ofendido por sua cor de pele, o episódio ultrapassa os limites do esporte e se transforma em um reflexo de práticas racistas que ainda estão presentes na vida cotidiana. Dessa forma, discutir racismo e bullying, seja na escola ou no futebol, é discutir a necessidade de uma sociedade mais igualitária.

Portanto, compreender o racismo e o bullying a partir da escola e do futebol é essencial para propor estratégias de transformação social, pois ambos os espaços possuem grande influência na formação das pessoas.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Questão 1: Você já presenciou ou sofreu bullying na escola?

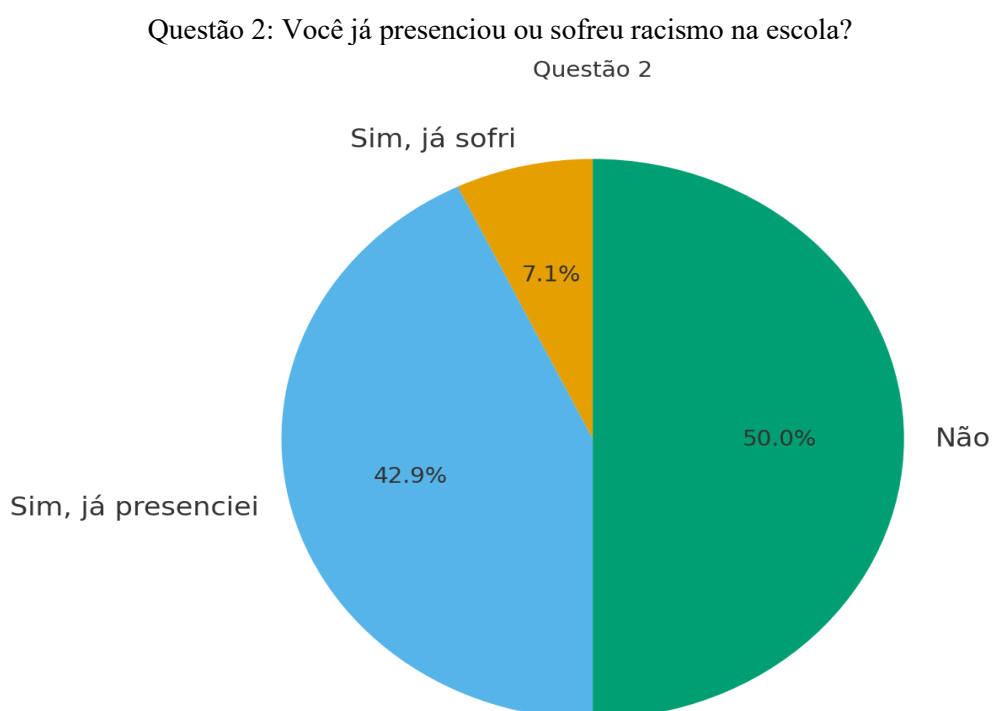
Questão 1



Fonte: autoria própria, 2025.

Na Questão 1, observa-se que 12 participantes relataram já ter sofrido bullying e 7 já presenciaram, enquanto 9 afirmaram não ter vivenciado essa

situação. Esse resultado reforça estudos que mostram a presença recorrente do bullying no ambiente escolar (OLWEUS, 2013).

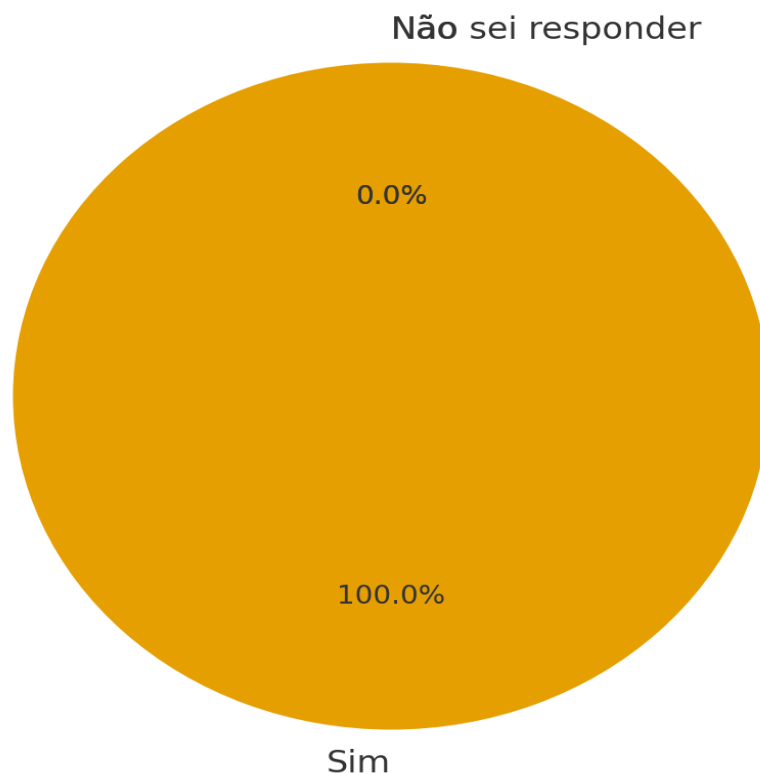


Fonte: autoria própria, 2025.

Na Questão 2, apenas 2 alunos relataram ter sofrido racismo, mas 12 afirmaram ter presenciado, o que aponta para a naturalização de práticas discriminatórias no cotidiano escolar (NOGUEIRA, 1998).

Questão 3: O bullying pode prejudicar a saúde emocional dos adolescentes?

Questão 3

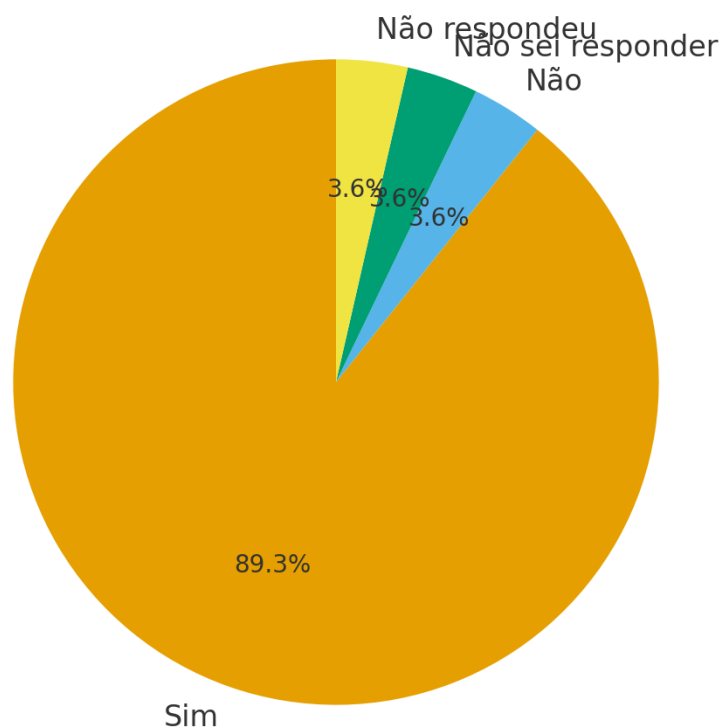


Fonte: autoria própria, 2025.

A Questão 3 mostra unanimidade: todos os 28 participantes acreditam que o bullying prejudica a saúde emocional. Isso está em consonância com a literatura que aponta consequências como ansiedade e baixa autoestima (FANTE, 2005).

Questão 4: O racismo pode prejudicar a saúde física e emocional das pessoas?

Questão 4

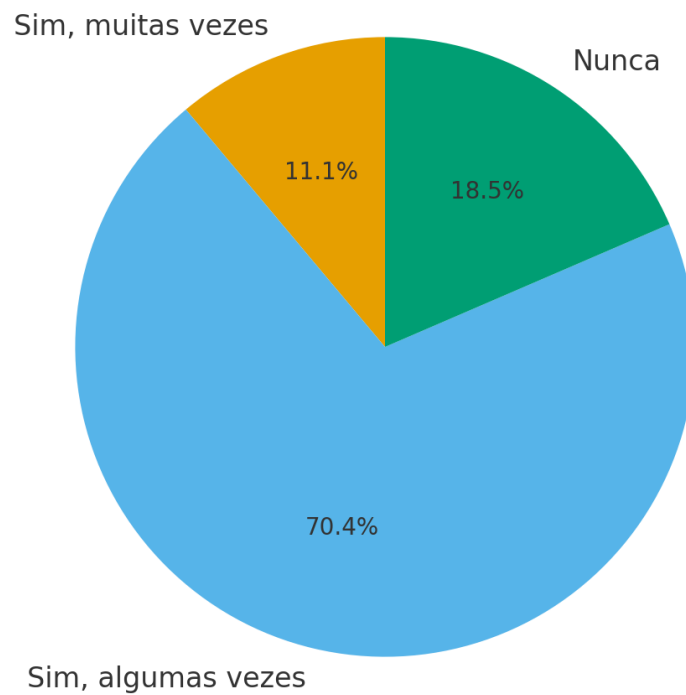


Fonte: autoria própria, 2025.

Na Questão 4, a maioria reconhece que o racismo afeta a saúde física e emocional, com apenas 2 respostas divergentes e 1 ausência. Isso evidencia a percepção crítica dos estudantes sobre os efeitos do racismo na vida das pessoas (CANDAU, 2016).

Questão 5: Você já ouviu expressões racistas em jogos de futebol?

Questão 5



Na Questão 5, a maioria afirmou já ter presenciado expressões racistas em jogos de futebol, revelando que o esporte ainda reproduz práticas discriminatórias, conforme discutido por Moura (2020).

Questão 6: Expressões racistas no futebol influenciam fora dos estádios?



Na Questão 6, a grande maioria considera que expressões racistas no futebol influenciam negativamente fora dos estádios, indicando uma consciência sobre a força da reprodução social dessas práticas (MOURA, 2020). Essas atitudes podem gerar brigas fora dos estádios e pode causar até morte.

Questão 7: É importante a escola conversar sobre racismo e bullying?

Questão 7



Na Questão 7, quase todos os participantes destacaram ser muito importante discutir bullying e racismo na escola, o que reforça a necessidade de políticas pedagógicas voltadas à convivência respeitosa e inclusiva, além disso, compreender o que acontece mundo a fora e dentro estádios das escolas (CANDAU, 2016).

6 PRODUTO FINAL

O produto final aconteceu através de intervenção nas salas de aula com os membros da unidade escolar e estudantes do 6º ao 9º para conscientizar sobre os bullying e racismo no ambiente escolar e nos estádios, além das consequências que esses atos podem causar a saúde. Além disso, foram distribuídos folders para o público em informações da pesquisa e da temática.

Imagem 1: Campanha dos estudantes



Fonte: Os autores (2025)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília: Diário Oficial da União, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito racial: modos, temas e tempos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2005.

NUNES, Fábio. Futebol e racismo: quando o preconceito entra em campo. Rio de Janeiro: Editora Esporte, 2020.

OLIVEIRA, Maria. Bullying e suas consequências no ambiente escolar. Rio de Janeiro: Ed. Universitária, 2020.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Carlos. Racismo no futebol: reflexos de uma sociedade desigual. Belo Horizonte: Esporte e Sociedade, 2021.

SILVA, João. Racismo e educação: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora Acadêmica, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 2017.

UNICEF. Bullying nas escolas: estudo sobre violência entre pares. Brasília: UNICEF Brasil, 2019.

A HISTÓRIA DO CANGAÇO NO NORDESTE BRASILEIRO

Gabriel Ramon Rodrigues Coelho, Icaro Davy da Silva Ferreira,
Matheus Bruno dos Santos, Pedro Emanuel Rodrigues Coelho, Sarah
Julia Araujo Ramos, Prof.^a Esp. Wilia Jeane de Araújo Souza

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta como a história do cangaço no nordeste brasileiro, onde o nosso grupo tinha curiosidade ,sobre o cangaço e resolvemos aprofundar os estudos sobre o cangaço no nordeste brasileiro O cangaço foi um movimento de banditismo que ocorreu no sertão nordestino do Brasil entre os séculos XIX e XX, caracterizado por bandos armados que atacavam cidades e fazendas. Nascido da precariedade social, da seca e da falta de segurança e justiça do Estado na região, o fenômeno teve nomes como Lampião, o mais famoso, e Maria Bonita, sua companheira. A história do cangaço é controversa, sendo vista por alguns como crime e violência e por outros como uma forma de resistência e luta contra a opressão, como extrema pobreza, fome e violência, intensificados pelas secas prolongadas no Nordeste, e pela falta de proteção do Estado. Os bandos de cangaceiros, que viviam na região semiárida, praticavam roubos, assassinatos e saques, sendo muitas vezes vistos pela população como uma forma de resistência contra a precariedade social e a ineficácia do Estado em garantir a justiça.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Este estudo tem como objetivo geral analisar o surgimento do cangaço e suas atualizações, tratou-se de um fenômeno social complexo e heterogêneo, mais uma resposta às condições socioeconômicas do Nordeste brasileiro da época do que um movimento com metas específicas e compartilhadas por todos os grupos.

Objetivos específicos

1. Luta pela sobrevivência;
2. Interesses Pessoais e Banditismo;
3. Ausência do Estado e da Justiça.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi feita de duas maneiras: Com pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica. A pesquisa de campo aconteceu na EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, entre os dias 09 e 10 de outubro de 2025, e teve a participação de 20 alunos, sendo 10 alunos da turma do 9º B e 10 alunos da turma do 9º D, o objetivo foi saber se os alunos sabiam sobre a história do cangaço nordestino e como surgiu. Já a pesquisa bibliográfica foi feita pesquisa na internet, obras de referência do cangaço, o google acadêmico para buscar textos estudo dos autores sobre o tema. Durante a pesquisa foi impresso um questionário com 10 perguntas sobre a história do cangaço no nordeste brasileiro, as perguntas ajudaram a descobrir se os alunos conhecem a história do cangaço.

As respostas foram organizadas em gráficos e analisado para entender melhor o que os participantes sabem ou pensa sobre o cangaço realizamos uma leitura dos resultados e comparamos com as ideias dos autores para analisar as observações diante as respostas, e foi possível identificar que a maioria dos alunos entrevistados não conhecia a história do cangaço e os que conhecia um pouco da história não sabia como surgiu e só tinha o cangaço como guerra e ataque.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

"O cangaço foi um movimento de banditismo social ocorrido na região semiárida do Nordeste brasileiro, entre o período final do Segundo Reinado (1840- 1889), aproximadamente a década de 1860, e a década de 1930. O

termo “banditismo social” foi desenvolvido pelo historiador britânico Eric Hobsbawn na década de 1960, que o explica como um fenômeno de revolta social de comunidades camponesas no contexto da transição para o capitalismo agrário."

"Alguns trabalhos, como o da historiadora Maria Christina Russi da Matta Machado e do geógrafo Wilson Alvares dos Santos, apresentam o cangaço como um movimento social causado pela seca, pela opressão da população pobre camponesa nordestina e pelo contexto político e econômico da região. Essa compreensão caracteriza a corrente que, fruto da historiografia da década de 1960, apresenta o cangaço como um fenômeno social, formado por bandoleiros que faziam parte da população pobre e a defendiam da opressão dos coronéis."

Existiam vários bandos de cangaceiros, entretanto, o que mais se destacou foi o liderado durante uma década (1920-1930) por Lampião.

Lampião foi uma figura revolucionária, considerado o “Rei do Cangaço” ou “Senhor do Sertão”. Seu nome era Virgulino Ferreira da Silva (1897-1938) e nasceu em Serra Talhada, Pernambuco.

Foi ex-coronel da Guarda Nacional e passou por quase todos os estados do nordeste lutando contra a injustiça.

Maria Bonita, mulher de Lampião, ficou conhecida como a “Rainha do Cangaço”. Seu nome era Maria Gomes de Oliveira (1911-1938) e foi um dos ícones do movimento cangaceiro, sendo a primeira mulher a participar do grupo, lutando bravamente.

Lampião e Maria Bonita foram brutalmente assassinados numa emboscada preparada pelas autoridades, na época governados por Getúlio Vargas. Tudo aconteceu quando o casal acampava na Grota de Angicos, em Poço Redondo (Sergipe), no dia 27 de julho de 1938.

Chegava o fim do casal, ícone do cangaço, considerados pelas autoridades pessoas perigosas: Lampião e Maria Bonita.

Suas cabeças e de seus companheiros foram expostas como prêmios; somente com a aprovação do Projeto de Lei nº 2.867, de 24 de maio de 1965, as cabeças foram devidamente enterradas. A morte dos líderes significou o fim do movimento cangaceiro, o qual se dissipou pelo norte e nordeste. Alguns cangaceiros, com medo de serem degolados, se entregaram às autoridades. Para alguns, o movimento teve fim em 1940 com a morte de um dos cangaceiros, que era amigo de Lampião, Cristino Gomes da Silva Cleto, conhecido pelo nome "Corisco".

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Durante a pesquisa, observamos que a maioria dos estudantes não conhecia a história do cangaço. Que a maioria respondia mais não tinha o conhecimento aprofundado sobre o tema que muitos marcava não quando vinha uma questão mais aprofundada que os alunos tiveram que fazer uma intervenção antes de concluir o questionário explicando sobre o tema abordado para esclarecer as ideias dos entrevistados e fazer uma pesquisa consciente e depois da breve explicação, notou que teve mais clareza nas respostas e as dúvidas que foram surgindo os alunos esclareceram.

O cangaço foi um fenômeno social, político e cultural de boa parte da região Nordeste, mais ainda muitos não se sabem seus surgimentos e origens.

As respostas dadas na entrevista foram não, sim, as vezes, com o seguinte percentual analisado: Sim: 40% Não: 35% Às vezes: 25%.

Figura 1: Elaboração da pesquisa de campo



Fonte: Os autores (2025)

Gráfico 2: Conhecimentos dos estudantes sobre a história do cangaço no Nordeste Brasileiro.



Fonte: Os autores (2025).

6 PRODUTO FINAL

Como produto final da pesquisa realizada, os alunos desenvolveram o cartaz informativo sobre a história do cangaço, como foi seus surgimentos e colado no mural das salas e também foi feito um folder informativo onde foi entregue aos alunos que tinha interesse em conhecer mais sobre a história do cangaço nordestino, tendo as informações essenciais.

O produto final é uma ação e prática significativa do trabalho de TCF, reforçando os estudos e o papel dos estudantes como agente de transformação social.

Os resultados indicam que, quando há diálogo, escuta e envolvimento dos alunos, as atitudes mudam de verdade. Como sugestão o tema do cangaço deveria ser inserido nas aulas de história até como tema para fonte de pesquisa e aprofundamento de estudo e conhecimento.

REFERÊNCIAS

MACHADO, M. C. R. da M. Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste Brasileiro – I a V. Revista de História, v. 46, 47 e 49 n. 93, p. 139-175, 1973. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131939>.

SANTOS, Wilson Alvares dos. Cangaço: um movimento social. Revista Caribeña de Ciencias Sociales, p. 1-8, 2018. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/4026/cangaco-movimento-social.pdf>.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Editora Boitempo, 2011."

Veja mais sobre "Cangaço" em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/cangaco.htm> REI RE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

DOENÇAS COMUNS, MAS POUCO CONHECIDAS NO BRASIL

Tiago Alves dos Santos, João Alisson da Silva Rodrigues, Luiz Miguel Fernandes da Silva, José Douglas de Pádua Batista, Jailma de Souza Braz Ilquias, Kleiton Sousa Soares, Heitor Lima Damasceno, Prof. Esp. Mário Henrique Braga de Souza

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, existem diversas doenças que, apesar de serem relativamente comuns, não são muito conhecidas pela população. Muitas pessoas já ouviram falar de dengue, gripe ou COVID-19, mas poucas sabem sobre enfermidades como hanseníase, leishmaniose ou esquistossomose, que também afetam milhares de brasileiros todos os anos.

A falta de informação sobre essas doenças pode ser perigosa, pois dificulta a prevenção e o diagnóstico precoce. Sem conhecer os sintomas, as pessoas podem demorar a procurar um médico, permitindo que a doença se agrave. Além disso, muitas dessas enfermidades estão ligadas a condições precárias de saneamento básico ou à presença de insetos transmissores, como o mosquito-palha e o barbeiro. Se a população não souber como se proteger, o risco de contágio aumenta.

Outro problema é a disseminação de notícias falsas sobre essas doenças, que podem levar ao medo desnecessário ou, ao contrário, à negligência. Por isso, é importante trazer informações confiáveis e acessíveis, especialmente para jovens e adolescentes, que podem ajudar a espalhar conhecimento em suas comunidades.

Estudar esse tema é uma forma de conscientizar as pessoas sobre os riscos dessas doenças, ensinar métodos de prevenção e mostrar a importância do sistema de saúde pública no combate a essas enfermidades. Assim, todos podem contribuir para um Brasil mais saudável e informado.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

- Conscientizar a população brasileira, com ênfase em jovens e adolescentes, sobre doenças negligenciadas e pouco conhecidas (como hanseníase, leishmaniose e esquistossomose), promovendo informações acessíveis e confiáveis para facilitar a prevenção, o diagnóstico precoce e o combate à desinformação.

Objetivos específicos

- Identificar e listar as principais doenças comuns, porém pouco divulgadas no Brasil, como hanseníase, leishmaniose, esquistossomose e doença de Chagas.
- Explicar de forma clara como cada uma dessas doenças é transmitida (por exemplo, por insetos, água contaminada ou contato com pessoas doentes).
- Descrever os sintomas mais frequentes, para que as pessoas possam suspeitar da doença e procurar ajuda médica rapidamente.
- Mostrar formas de prevenção, como uso de repelentes, higiene pessoal, saneamento básico e vacinas (quando disponíveis).
- Destacar a importância do diagnóstico precoce e do tratamento, mostrando como o sistema público de saúde (SUS) pode ajudar no combate a essas doenças.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no período entre agosto e setembro. Primeiro pesquisamos as doenças, suas características, causas, as medidas profiláticas, transmissores. Após isso fizemos separadamente as pesquisas sobre cada doença, após isso nos unimos, discutimos e averiguamos cada uma delas,

realizamos pesquisas mais profundas, resumimos nossas partes e criamos os slides.

Depois consultamos o nosso professor orientador para ver o que faltava e tirar as dúvidas, discutimos sobre o produto final, entramos em uma conclusão, discutimos sobre as falas de cada um, decidimos as ordens das doenças, pesquisamos as imagens e os links.

Iniciamos o processo de criação do game MESTRE DOS MICRÒBIOS utilizando a plataforma WordWall.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Brasil é um país com uma vasta diversidade geográfica e cultural, o que implica em diferentes padrões de saúde pública. Muitas doenças comuns, que afetam uma parte significativa da população, ainda permanecem pouco conhecidas ou negligenciadas, o que compromete sua prevenção, diagnóstico precoce e tratamento. A falta de conscientização sobre essas condições representa um grande desafio para as políticas de saúde pública e para o bem-estar da população. No Brasil, algumas doenças, apesar de serem prevalentes, não têm a visibilidade necessária nas campanhas de saúde pública. Isso ocorre, em grande parte, devido à complexidade e à baixa compreensão da população sobre essas condições, que são muitas vezes confundidas com outras patologias mais conhecidas. Segundo Pimentel et al. (2019), as campanhas de saúde pública no Brasil geralmente priorizam doenças mais visíveis e emergenciais, como dengue, malária e doenças respiratórias, deixando doenças como a esquistossomose e a leishmaniose com pouca atenção. A desigualdade no acesso à informação e aos serviços de saúde é um fator importante para a falta de conscientização sobre essas doenças. A pobreza, a falta de educação sobre saúde e as dificuldades no acesso a serviços médicos adequados são fatores que agravam a situação. Em regiões mais isoladas e carentes, onde os índices de doenças tropicais são mais elevados, há um maior

desconhecimento sobre a prevenção e o tratamento. Mendes et al. (2018) destacam que a falta de acesso a informações corretas sobre doenças tropicais e parasitárias aumenta a mortalidade e a morbidade nessas áreas.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Ao longo das últimas décadas, o conhecimento científico sobre doenças endêmicas como *tumguíase*, *esquistossomose*, *doença de Chagas* e *hanseníase* evoluiu significativamente, resultando em avanços no diagnóstico, tratamento e prevenção. A *tumguíase*, causada por parasitas do gênero *Trypanosoma*, continua sendo um desafio para a pecuária, mas os métodos de diagnóstico molecular e o estudo dos vetores têm melhorado. Já a *esquistossomose*, que afeta milhões de pessoas, se beneficia de tratamentos como o *praziquantel* e de novas técnicas de diagnóstico, como os exames serológicos e PCR, que permitem detecção precoce. A *doença de Chagas* avançou com o desenvolvimento de medicamentos eficazes, como *nifurtimox* e *benznidazol*, além de estratégias de controle de vetores e sangue. Por fim, a *hanseníase*, agora tratável com a terapia poliquimioterápica (PQT), ainda enfrenta desafios no diagnóstico precoce e no estigma social. Apesar dos progressos, as dificuldades persistem, como a resistência a medicamentos, a falta de infraestrutura de saúde em áreas endêmicas e o estigma social associado a essas doenças. No entanto, inovações tecnológicas, como a biotecnologia para vacinas e o uso de inteligência artificial no diagnóstico, oferecem perspectivas promissoras para o controle e possível erradicação dessas doenças, melhorando a saúde pública global.

6 PRODUTO FINAL

Criamos um jogo interativo sobre doenças infecciosas (tracoma, esquistossomose, doença de Chagas e hanseníase) usando a plataforma

Wordwall, com o objetivo de educar sobre a transmissão e prevenção dessas doenças de forma divertida e eficaz.

Processo de Criação:

Usamos a plataforma Wordwall para criar um **quiz interativo**, com perguntas sobre como as doenças são transmitidas e suas medidas profiláticas.

A plataforma oferece feedback imediato, ajudando os jogadores a aprenderem enquanto jogam.

Importância da Gamificação:

- A **gamificação** torna o aprendizado mais envolvente e motivador, estimulando os jogadores a aprenderem de forma prática e interativa.
- Com **recompensas** (pontos, medalhas), o jogo incentiva o aprendizado contínuo.

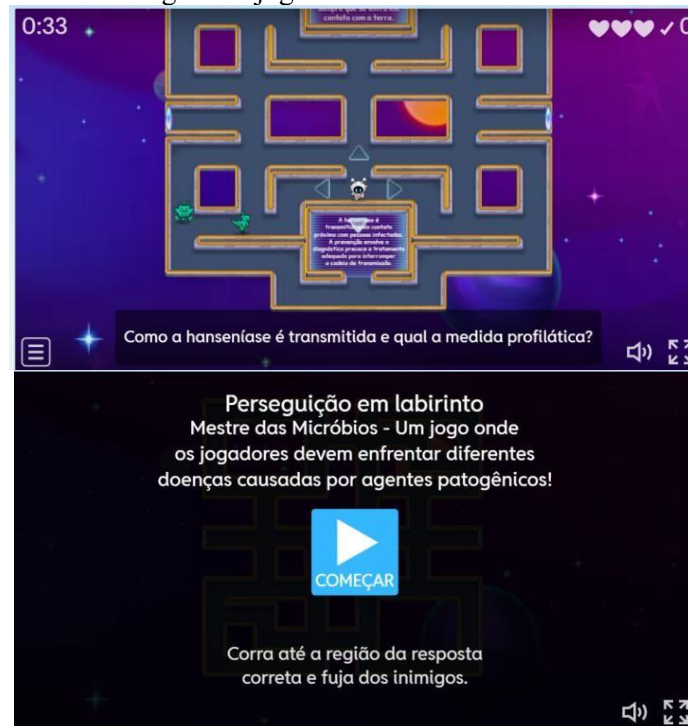
Por que Wordwall?

- Fácil de usar e permite personalizar jogos de múltipla escolha.
- Acessível em qualquer dispositivo (computador, tablet, smartphone).
- Possibilita o compartilhamento do jogo, tornando-o disponível para um público maior.

Conclusão:

A gamificação ajuda a ensinar sobre doenças de forma divertida, reforçando o aprendizado de prevenção e promovendo hábitos saudáveis.

Imagem do jogo – Mestre dos micróbios



Fonte: os autores.

REFERÊNCIAS

GATTI, Flávia Romero et al. (2008). Tungíase disseminada tratada com ivermectina

Yann A. Meunier, Michael Hole, akudzwa Shumba, BJ Swanner (2014). Doenças tropicais: um guia prático para médicos e estudantes World Health

Organization. 3 de fevereiro de 2014. Consultado em 15 de março de 2014

University of Maryland Medical Center (julho de 2006). Costa, J.; Peterson, A.T.; Beard, C.B. (2002). «Ecologic niche modeling and differentiation of populations of *Triatoma brasiliensis* Neiva, 1911

Suzuki, Koichi; Akama, Takeshi; Kawashima;, Akira; et al. (Fevereiro de 2012). «Current Status of Leprosy: Epidemiology, Basic Science and Clinical Perspectives. Wordwall | Crie lições melhores mais rapidamente

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST'S)

Carlos Elói Cezario Resende dos Santos, Glecio Leandro Ferreira Brito, Anderson Raí De Souza Silva, Bruno Mateus Rocha de Souza, Victor Van Helsing Alves Barbosa, Wanderson Fernando Rodrigues da Silva, Prof. Esp. Mário Henrique Braga de Souza

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo conscientizar as pessoas sobre os riscos das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). O projeto foi desenvolvido pelo 9º ano do TCF, com a orientação do professor Mário Braga, no bairro João de Deus, na cidade de Petrolina, Pernambuco.

Atualmente, muitos jovens desconhecem a gravidade e os riscos dessas infecções, o que aumenta a vulnerabilidade e a exposição a doenças. Para ampliar o debate, produzimos um vídeo de conscientização, que será divulgado no Instagram da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti (@erefemescolaeneidecoelho).

Com base em pesquisas realizadas em sites especializados, observamos que cerca de 60% dos brasileiros acima de 18 anos afirmam não usar preservativos durante relações sexuais. Esse dado reforça a importância de abordar o tema nas escolas, especialmente entre adolescentes.

Além disso, a crescente taxa de infecções no Brasil demonstra a necessidade de fortalecer ações de educação sexual e saúde pública. A abordagem das ISTs visa promover conhecimento, incentivar práticas seguras e estimular o diálogo entre jovens, famílias e comunidade escolar, contribuindo para a prevenção e para escolhas mais responsáveis.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Conscientizar as pessoas a se prevenir dessas doenças, ensinar os riscos e a gravidade que as doenças podem causar

Objetivos específicos

1. Alertar os alunos sobre as infecções sexualmente transmissíveis;
 2. Informar formas de tratamento de cada doença pesquisada;
 3. Conscientizar a comunidade escolar sobre os riscos de não usar preservativo
- Inserir um pouquinho de texto.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado com o objetivo de informar pessoas que não têm conhecimento sobre o assunto ou nunca ouviram falar a respeito. O estudo foi conduzido entre os meses de agosto e setembro de 2025, na cidade de Petrolina, em uma escola estadual da região do Agreste de Pernambuco.

Participaram da pesquisa sete estudantes do 9º ano e dois professores de diferentes áreas. Para aprofundar nosso conhecimento, reunimo-nos com a professora Germânia, que nos explicou mais sobre o tema. Na aula do professor Mário Braga, nosso instrutor do TCF, aproveitamos a atividade por ele proposta – uma pesquisa sobre ISTs, que coincidia perfeitamente com nosso tema – como uma ótima oportunidade para aprendermos mais.

Após essa etapa, organizamos as tarefas e definimos o que cada um pesquisaria. Distribuímos as responsabilidades de forma organizada e produzimos os slides em seguida. Depois, discutimos qual seria o produto final e, após uma longa conversa, decidimos criar um vídeo de conscientização. O objetivo é alertar as pessoas sobre a prevenção das infecções, mostrando a gravidade e os riscos que elas podem causar.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Lima (2022) explica que as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) são causadas por vírus, bactérias ou outros agentes patogênicos transmitidos principalmente por meio do contato sexual desprotegido.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), essas infecções representam um grave problema de saúde pública, podendo ocorrer de forma assintomática e ainda assim serem transmissíveis.

Segundo o Ministério da Saúde (2020) que lançou uma campanha para combater o aumento de infecções sexualmente transmissíveis no Brasil, focada nos jovens e na importância do uso da camisinha. Sífilis, hepatites e HIV estão crescendo no país. O SUS distribui preservativos e oferece testes rápidos gratuitos para diagnóstico e tratamento precoce.

De acordo com helena santos, ela fala à diferença do termo DST's para IST's, a diferença é que uma pessoa com qualquer infecção como sífilis, gonorreia é AIDS, não precisadamente ela está doente, portando ela pode passar para outras pessoas, como também não mostra que ela esteja doente.

Para DST, já é bem diferente, pois já é uma pessoa em si que está com a doença no corpo, podendo demonstrar sintomas e características da doença.

De acordo com o Ministério da Saúde as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou fungos e são transmitidas principalmente pelo sexo sem camisinha. Muitas vezes não apresentam sintomas, o que facilita a transmissão. As IST mais comuns incluem HIV/Aids, sífilis, hepatites, HPV, herpes, gonorreia, clamídia, tricomoníase e candidíase, podendo causar corrimentos, feridas, coceira e até doenças graves, como câncer e problemas no fígado. A prevenção é feita com o uso de preservativo, vacinação contra HPV e hepatite B, testagem regular e tratamento correto de todas as pessoas envolvidas.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Observa-se que a maioria dos adultos e jovens desconhece informações básicas sobre as ISTs. Segundo dados divulgados pelo portal globo.com, cerca de 60% da população adulta relatou não usar camisinha em relações sexuais, o que contribui para o aumento de casos.

O trabalho mostrou que as ISTs possuem diferentes causas, sintomas e formas de prevenção, o que reforça a necessidade de divulgação de informações acessíveis. Destacamos também a importância da vacinação, do uso de preservativos masculinos e femininos e da testagem regular como métodos essenciais de prevenção.

6 PRODUTO FINAL

Como produto final foi elaborado uma apresentação em vídeo com base nas pesquisas sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). O texto de apresentação foi elaborado de forma clara, objetiva e educativa, com objetivo de informar, conscientizar e contribuir para a prevenção dessas infecções, que são um problema de saúde pública, especialmente entre os jovens.

Imagem 1: Vídeo de campanha sobre as IST's



Fonte: Os autores (2025)

REFERÊNCIAS

BRASIL. ministério da saúde. Infecções sexualmente transmissíveis - IST, GOV.BR,Toda matéria 2019, disponível em: <https://www.gov.br>. Acesso em 10 set. 2025

MONTEIRO, Natália. Comportamento de risco eleva infecções sexualmente transmissíveis no Brasil. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em:<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/fevereiro/comportamento-de-risco-eleva-Infeccoes-sexualmente-transmissiveis-no-brasil>. Acesso em: 27 outubro 2025

HIV e AIDS. Cleveland Clinic. Toda a Matéria, 2022. Disponível em: <https://my.clevelandclinic.org/health/diseases/4251-hiv-aids>. Acesso em: 10. Set. 2025

BRASIL. ministério da saúde sífilis é uma Infecção Sexualmente Transmissíveis. GOV. BR.publicado em 17/10/2025.<https://www.gov.br>. Acesso em 27/10/2025

SILVA, Aline Oliveira. "Tricomoníase"; Brasil Escola. Disponível em: [https://brasilecola.uol.com.br/doencas/tricomoniase.h tm](https://brasilecola.uol.com.br/doencas/tricomoniase.htm). Acesso em 10 de setembro de 2025.

HAMMERSCHLAG, M. R. Infecções por clamídia. MANUAL MSD. Disponível em:<https://share.google/258mTEWd850019Hyx>.Acesso em 10 de setembro de 2025.

NOMOFOBIA: DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA NAS ESCOLAS

Amanda Araujo Rodrigues, Gabriele Pereira de Souza, Ilana Silva Alencar, Larisa Conceição Mendes Pereira, Maria Eduarda dos Santos Alves, Maria Yasmin Sales Alves, Prof.^a Esp. Poliana Silva dos Santos, Prof.^a Esp. Maria Roseneti da Silva Souza

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo surgiu a partir da atenção dada as situações recorrentes entre alguns alunos no ambiente escolar. Nomofobia, termo utilizado para descrever o medo ou ansiedade excessiva de ficar sem acesso ao telefone celular. Esse fenômeno vem ganhando destaque mundialmente, inclusive pela organização Mundial da Saúde (OMS), por representar um desafio contemporâneo que impacta diretamente a vida cotidiana das pessoas, especialmente entre os jovens.

A relevância dessa pesquisa está em compreender como a Nomofobia se manifesta na escola, espaço em que o uso excessivo de celulares pode interferir tanto no processo de ensino e aprendizagem quanto nas relações sociais entre estudantes, embora exista a lei 15.100 sancionada em 13 de janeiro de 2025 que estabelece a proibição da utilização de dispositivos eletrônicos por estudantes nas escolas, muitos acabam descumprindo-a por causa do vício.

De acordo com um estudo realizado com 758 brasileiros, mais de 60% da população relata sentir ansiedade quando fica sem seus celulares. Além disso, a pesquisa revelou que 79% dos brasileiros admitem utilizar seus smartphones de forma excessiva, número acima da média registrada em outros países da América Latina. Esses dados evidenciam como uso do celular está cada vez mais presente no cotidiano.

A nomofobia influencia no comportamento e o desempenho escolar dos alunos, principalmente pelo excesso de tempo gasto no celular. Esse uso

exagerado pode gerar distração durante as aulas, dificultar a concentração nos estudos e reduzir a interação social presencial com colegas e professores. Além disso, a dependência do aparelho pode provocar ansiedade, irritabilidade e dificuldade de organizar o tempo, afetando diretamente o aprendizado e o bem-estar dos estudantes.

Diante dessa realidade, surge a seguinte pergunta problema: Como o uso excessivo do celular dentro da escola afeta os hábitos, a aprendizagem e as relações sociais dos estudantes, e de que forma é possível promover uma reflexão crítica sobre esse comportamento?

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Promover reflexão crítica sobre o uso excessivo do celular dentro do ambiente escolar.

Objetivos específicos

1. Estudar o conceito de nomofobia e suas principais causas e sintomas;
2. Analisar o comportamento dos alunos em relação ao uso excessivo de celulares;
3. Investigar como o uso excessivo interfere na aprendizagem e na convivência escolar.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva, realizada com base na realidade da escola e da comunidade escolar.

O estudo aconteceu entre os meses de maio a setembro de 2025, em uma escola estadual da região do Sertão do São Francisco de Pernambuco.

Para entender melhor o tema, foi feito uma pesquisa com um questionário virtual para os alunos responderem sobre nomofobia. O

questionário foi organizado com 17 questões, onde participaram 31 estudantes da escola EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti.

Produzimos cartazes com informações para serem passados em sala de aula explicando os sinais e como prevenir.

Além disso, durante esses meses foram feitas pesquisas onde utilizamos os dados do formulário e dados retirados de sites confiáveis da internet.

Os dados foram organizados, para facilitar a análise e identificar como os alunos usavam o celular e o excesso no tempo de uso.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nomofobia, termo derivado da expressão inglesa “*no mobile phone phobia*”, refere-se ao medo ou ansiedade excessiva de ficar sem acesso ao telefone celular ou aos recursos que ele oferece, como internet e redes sociais. Embora ainda seja considerada um fenômeno recente, a nomofobia já é reconhecida como uma problemática social e psicológica que afeta principalmente adolescentes e jovens, mas que se estende a todas as faixas etárias.

O celular, inicialmente desenvolvido como ferramenta de comunicação, transformou-se em um dispositivo multifuncional, essencial para a vida cotidiana. Ele passou a concentrar atividades relacionadas ao trabalho, lazer, relacionamentos e estudos, tornando-se, muitas vezes, um prolongamento da identidade do indivíduo (Oliveira & Pereira, 2019). Nesse contexto, o uso excessivo pode gerar dependência e prejudicar o equilíbrio emocional, interferindo diretamente nas interações sociais presenciais e na saúde mental.

De acordo com Castells (2003), vivemos na “sociedade em rede”, onde a tecnologia conecta as pessoas o tempo todo. Isso mostra que os aparelhos eletrônicos, como os smartphones, ocupam cada vez mais espaço nas relações humanas. Nesse cenário, o uso exagerado pode causar dependência, prejudicando a convivência familiar, os estudos e até a saúde emocional.

Segundo Lévy (1999), a internet e os recursos digitais trouxeram muitas vantagens, como o acesso rápido à informação. Porém, quando usados sem limites, podem gerar comportamentos compulsivos. No caso da nomofobia, o indivíduo sente ansiedade, irritação ou insegurança quando não está conectado.

No Brasil, pesquisadores como King et al. (2010) também chamam atenção para os riscos da dependência tecnológica, afirmando que ela pode provocar sintomas parecidos com os de outras fobias e transtornos de ansiedade.

Portanto, a nomofobia é um problema atual que precisa ser estudado e debatido, especialmente nas escolas, para que os estudantes aprendam a usar o celular de forma equilibrada e saudável, sem deixar que ele atrapalhe seus relacionamentos, estudos e bem-estar.

E foi justamente o que os alunos do nono ano realizaram na escola. Primeiro, eles fizeram uma enquete para descobrir como os colegas usavam o celular e se havia excesso no tempo de uso. Em seguida, entraram nas salas de aula para alertar e conscientizar os demais estudantes sobre os riscos da dependência do aparelho. Produziram e colocaram cartazes em diferentes salas, com informações preventivas e mensagens de incentivo ao uso equilibrado do celular.

Essas atitudes mostraram o compromisso dos alunos em cuidar da própria saúde e em ajudar a comunidade escolar a prevenir problemas causados pelo uso do celular.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Ao longo da pesquisa, um questionário foi organizado com 17 questões, onde participaram 31 estudantes da escola EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti. Foi possível observar que 41,9% utilizam o aparelho entre 4 a 6 horas por dia, além de 83,9% dos 31 participantes afirmam que o principal

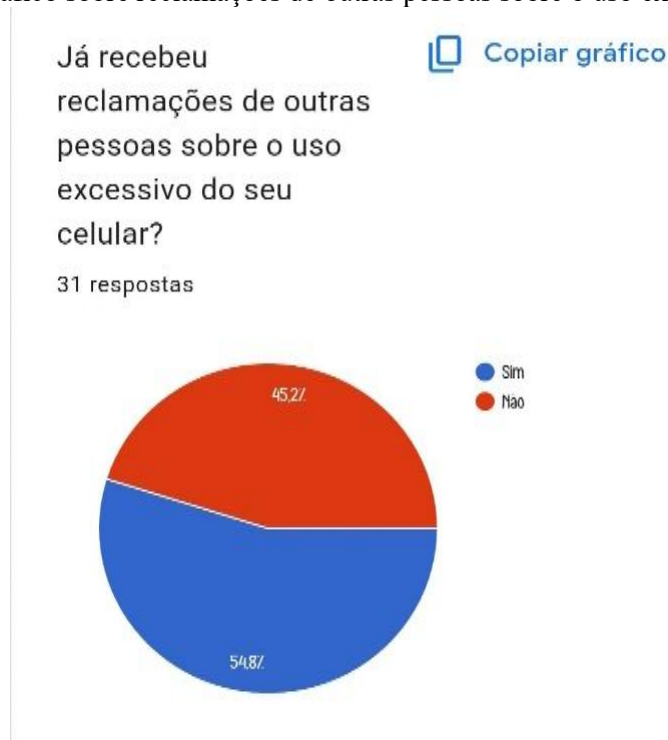
uso é em redes sociais. Também foi possível perceber o grande uso do celular antes de dormir e ao acordar. Desses participantes, 54,8% já receberam reclamações de outras pessoas sobre o uso excessivo do aparelho eletrônico.

Percebemos que grande parte dos alunos não sabia o que significava o termo **nomofobia**.

Depois das enquetes feitas, foram produzidos na gráfica, cartazes e um banner, que foram fixados em sala de aula, incluindo um momento de alerta e conscientização nas salas de aula sobre o uso excessivo e os riscos que o celular pode ocasionar.

Após as ações de alerta e conscientização, os estudantes passaram a compreender que levar o celular para a escola não é adequado e pode trazer consequências negativas. Eles entenderam que o uso excessivo do aparelho pode contribuir para o desenvolvimento da nomofobia, afetando a atenção, a convivência e o aprendizado no ambiente escolar. A reflexão despertou maior responsabilidade sobre o uso do celular no dia a dia.

Gráfico 1: Gráfico sobre reclamações de outras pessoas sobre o uso excessivo do celular



Fonte: Os autores (2025)

6 PRODUTO FINAL

A pesquisa realizada alcançou os objetivos propostos, respondendo à pergunta inicial: Como o uso excessivo do celular dentro da escola afeta os hábitos, a aprendizagem e as relações sociais dos estudantes, e de que forma é possível promover uma reflexão crítica sobre esse comportamento?

Através das ações educativas desenvolvidas, foi feita uma enquete para descobrir como os colegas usavam o celular e se havia excesso no tempo de uso. Em seguida, entraram nas salas de aula para alertar e conscientizar os demais estudantes sobre os riscos da dependência do aparelho. Produziram e colocaram cartazes em diferentes salas, com informações preventivas e mensagens de incentivo ao uso equilibrado do celular.

Foi possível observar curiosidade e participação dos estudantes diante da temática Nomofobia, que para muitos foi novidade, passando a entender que o uso excessivo do celular afeta os hábitos, a aprendizagem e as relações sociais.

A principal contribuição do trabalho foi conscientizar os alunos sobre o uso equilibrado do celular, promovendo hábitos mais saudáveis em relação à tecnologia.

Os estudantes passaram a refletir sobre o tempo que dedicavam aos aparelhos, entendendo os impactos do uso excessivo na aprendizagem, nas relações sociais e no bem-estar. Além disso, a ação educativa na escola fortaleceu a capacidade de autocontrole, estimulou a interação presencial entre colegas e contribuiu para a criação de um ambiente mais saudável para estudar e conviver.

Este estudo contribui para ampliar o conhecimento sobre o fenômeno da nomofobia e propor soluções mais eficazes para reduzir seus impactos na vida dos jovens.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. A sociedade em rede. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

EDOCENTE. Nomofobia: como o medo de ficar sem celular afeta estudantes. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog-nomofobia-como-medo-de-ficar-sem-celular-afeta-estudantes/#:~:text=A%20nomofobia%20entre%20estudantes%20brasileiros,acreditam%20sofrer%20de%20nomofobia%20severa>. Acesso em: 18 ago. 2025.

KING, A. L. S.; VALENÇA, A. M.; NARDI, A. E. Nomofobia: dependência do telefone celular? Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 32, n. 4, p. 425-426, 2010.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, L. B.; PEREIRA, F. S. Nomofobia: a dependência do telefone celular na contemporaneidade. Revista Psicologia e Saúde, v. 11, n. 2, p. 79-90, 2019.

SEMENTES FINANCEIRAS: PLATAFORMA DE MINICURSO SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA

Jheniffer Samila de Carvalho Lourenço, Luana Lima de Oliveira,
Lucca Gomes Silva, Gustavo Souza Neri, Prof.^a M.a. Germania
Aparecida Nunes Alves de Souza

1 INTRODUÇÃO

A Educação Financeira é processo de entender como gerenciar, poupar, investir e gastar o dinheiro de forma inteligente, é fundamental para o desenvolvimento individual e social. Nesse contexto, implementação da educação financeira nas escolas surge como uma solução promissora para formar cidadãos mais conscientes e preparados para os desafios da vida adulta.

A falta de conhecimento impede as pessoas de tomarem decisões financeiras conscientes, o que prejudica a realização de objetivos e aumenta a vulnerabilidade a problemas emocionais. A inclusão dessas disciplinas nas escolas pode impulsionar uma sociedade mais próspera no futuro. Por este motivo, a equipe de pesquisa do 9º ano da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, se propôs a estudar esse tema importante e continuar o estudo do tema já abordado em 2024 pela equipe criadora do jogo de tabuleiro “FinEC”.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Capacitar os alunos do 6º e 7º ano da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, por meio de um minicurso de Educação Financeira, a desenvolver noções básicas de planejamento financeiro.

Objetivos específicos

1. Entender o perfil financeiro do estudante;
2. Instruir os estudantes dos 6º aos 7ºanos do Ensino Fundamental;

3. Promover o site Sementes Financeiras aos estudantes da EREFEM Eneide Coelho

3 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido por estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental Semi-integral, para a criação e aplicação prática de um minicurso online de educação financeira básico especialmente para os estudantes dos 6º e 7º ano da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti.

A criação do minicurso visa capacitar os estudantes em conhecimentos básicos de planejamento financeiro. Os estudantes dentro da escola tiveram acesso ao curso online através do laboratório móvel. Para coletar informações foi realizada uma pesquisa qualitativa de campo sobre os conhecimentos prévios, hábitos financeiros e interesses de estudantes, foi elaborado um questionário estruturado, composto por 10 questões, sendo 9 fechadas e 1 aberta.

Etapas do trabalho:

1ª etapa: abril, maio e junho a revisão bibliográfica através de busca de materiais impressos de acordo com o tema pelos buscadores: Google Acadêmico e SciElo.

2ª etapa: agosto a criação do grupo de aplicativo para troca de informações entre a professora orientadora e a equipe.

3ª etapa: no mês de setembro a criação do questionário impresso para a aplicação nas salas dos 6º e 7º anos.

4ª etapa: no mesmo mês o protótipo do site dentro da plataforma Canva.

5ª etapa: criação do material online para inserção dentro da plataforma paga.

6ª etapa: no mês de outubro a aplicação do minicurso básico chamado Sementes Financeiras ao público-alvo selecionado por professores das séries e entrega dos certificados.

O minicurso básico foi distribuído em 4 módulos, totalizando 10 horas, por meio de uma plataforma “Canva” permitindo que os alunos acessassem os conteúdos. Cada módulo abordou temas específicos: conceitos básicos de dinheiro, distinção entre desejos e necessidades, planejamento financeiro pessoal e importância da economia para alcançar metas. As aulas foram expositivas e interativas, utilizando slides ilustrados e um formulário para a avaliação.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação Financeira tem se consolidado como uma área essencial no desenvolvimento de competências para a vida cotidiana, especialmente no contexto escolar. Segundo Brönstrup (2016), a inserção da Educação Financeira nas escolas é fundamental para promover a autonomia dos estudantes na gestão de suas finanças pessoais. A autora destaca que a implementação de programas educativos nessa área contribui para a formação de cidadãos críticos e responsáveis.

Nemos (2021) complementa essa perspectiva ao afirmar que a Educação Financeira deve ser entendida como uma prática de autonomia, capacitando os indivíduos a tomar decisões financeiras conscientes e alinhadas aos seus valores e objetivos. A autora enfatiza a importância de abordagens pedagógicas que considerem as realidades sociais e culturais dos estudantes, promovendo a reflexão crítica sobre o consumo e a gestão financeira.

No âmbito do Ensino Fundamental, a integração da Educação Financeira ao currículo escolar tem sido discutida como uma estratégia eficaz

para o desenvolvimento de habilidades financeiras desde cedo. Andrade et al. (2021) ressaltam que a abordagem interdisciplinar, envolvendo diferentes áreas do conhecimento, facilita a compreensão dos conceitos financeiros e sua aplicação prática no cotidiano dos alunos.

Teixeira (2024) reforça a relevância da Educação Financeira no Ensino Fundamental, destacando que sua implementação contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de tomar decisões financeiras responsáveis. O autor sugere que a utilização de metodologias ativas, como jogos e simulações, pode potencializar o aprendizado e engajamento dos estudantes.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

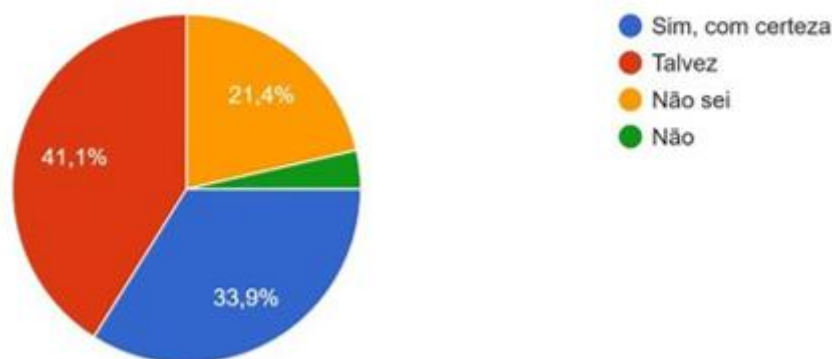
A pesquisa de campo foi realizada no mês de setembro, nas salas dos 6º anos A, B, C, D e 7º ano A, B e C. Foram impressos 70 formulários de pesquisa, mas apenas 56 estudantes quiseram participar. De acordo com a pesquisa, a maioria dos respondentes foram do sexo masculino com 55,4%. A pesquisa revelou que estudantes, 51,8% já ouviu falar do tema “Educação Financeira”, mas quase metade dos alunos, 48,2% nunca teve contato direto com o tema, indicando necessidade de inserir o tema nas atividades escolares.

Tabela 1. Pesquisa realizada com as saladas dos 6^a e 7^o anos

PERGUNTAS DA PESQUISA	RESULTADO
De onde você aprendeu mais sobre dinheiro até agora?	Em casa, com a família: 62,5%
Você costuma guardar parte do seu dinheiro?	Às vezes: 57,1%
Gostaria de aprender mais sobre como economizar e usar o dinheiro?	Sim, muito: 53,6%
Se a escola oferecesse um curso online de Educação Financeira, você participaria?	Sim, com certeza: 33,9% Talvez: 41,1%
Tema mais interessante em um curso de Educação Financeira:	Como planejar o futuro financeiro: 42,9%
Gostaria de aprender mais sobre como economizar e usar o dinheiro?	Sim, muito: 53,6%

Fonte: Os Autores (2025)

Gráfico 1: Gráfico sobre a vontade sobre a participação de um minicurso de Educação Financeira



Fonte: Os autores (2025)

No gráfico acima, pode ser analisado que os estudantes têm vontade de aprender mais sobre a Educação Financeira, com 41,1%, das respostas, os estudantes confirmam à vontade. Com esses resultados, a equipe conseguiu planejar e moldar o minicurso especialmente para o público pesquisado. Para aplicação teórica do minicurso, apenas foram escolhidos os estudantes dos 6^o anos para testagem dentro da plataforma. A área de inscrição, conteúdo e formulários são protegidos por senhas, apenas os estudantes inscritos e que

sejam estudantes da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti podem utilizá-la.

6 PRODUTO FINAL

O minicurso de Educação Financeira foi desenvolvido especialmente para estudantes de 11 a 12 anos (6º e 7º anos) de acordo com o entendimento sobre o tema. O projeto foi chamado de “Sementes Financeiras” sendo online para ser acessado pelos estudantes da escola. O minicurso básico foi distribuído em 4 módulos, totalizando 10 horas, por meio de uma plataforma financiada pela professora orientadora com domínio com o endereço www.sementesfinanceiras.com.br, hospedada pelo site Terra/Wix.

Imagem 1: Início da página do site “Sementes Financeiras”



Fonte: Os autores (2025)

A escolha de uma plataforma paga é referente às facilidades de recursos premium dados pela empresa, as limitações de plataforma gratuitas para o nosso projeto não seriam interessantes, mesmo sendo um serviço oferecido gratuitamente aos alunos da escola.

Cada módulo abordou temas específicos como: conceitos básicos de dinheiro, distinção entre desejos e necessidades, planejamento financeiro pessoal e importância da economia para alcançar metas. As aulas foram expositivas e interativas, dentro da biblioteca com os materiais ilustrados e dois formulários para a avaliação de cada módulo. Os 10 estudantes dos 6º anos, com permissão dos professores das aulas do dia, passaram duas semanas para a leitura do material completo e a realização das avaliações.

Ao final do minicurso, os alunos instrutores do projeto entregaram aos estudantes participantes da pesquisa, certificado de participação, consolidando o aprendizado e incentivando a aplicação dos conhecimentos adquiridos no dia a dia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. G. de, Carneiro, R. S., Carneiro, R. S., & Silva, K. F. da. (2021). Educação Financeira no Ensino Fundamental: uma revisão bibliográfica e proposta de ensino. EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, 12(2), 1-15. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367917077_Educacao_Financeira_no_Ensino_Fundamental_uma_revisao_bibliografica_e_proposta_de_ensino Acesso em 4 de setembro de 2025.

BRÖNSTRUP, T. M. (2016). Educação Financeira nas Escolas. Caminhos da Educação, 5(2), 1-12. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/1922/1825> Acesso em 5 de outubro de 2025.

NEMOS, C. L. (2021). A educação financeira enquanto prática de autonomia. Revista Mexicana de Investigación Educativa, 26(85), 1-20. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S2448-80892021000300172&script=sci_arttext Acesso em 10 de agosto de 2025.

TEIXEIRA, P. J. M. (2024). Educação financeira na escola: possibilidades em uma escola pública. Contraponto, 1(1), 1-10. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/contraponto/article/view/5043> Acesso em: 20 de setembro de 2025

O USO EXCESSIVO DO CELULAR E OS SEUS PONTOS NEGATIVOS

Ana Ketlen Almeida Mendes, Evellyn Vitória Aquino de Lima,
Evellyn Eduarda de Moura Souza, Lara Albertina Jorge Inácio dos
Santos, Mylena Thayná Souza Rodrigues, Iasmim Amorim Marques,
Prof. Esp. Bruno Gomes de Souza de Assis

1 INTRODUÇÃO

O uso de celulares por crianças e adolescentes aumentou significativamente nos últimos anos, tornando-se parte do cotidiano. Com a facilidade de comunicação, o acesso rápido a informações e as diversas opções de entretenimento que a tecnologia oferece, é natural que os jovens passem mais tempo conectados. No entanto, o uso excessivo e sem controle pode trazer diversos problemas.

O tempo prolongado diante das telas tem se tornado uma preocupação crescente, pois pode afetar a saúde física, mental e social dos jovens. Entre os principais impactos estão o isolamento social, a diminuição da concentração nos estudos, distúrbios do sono, ansiedade e até sintomas de dependência, conhecidos como vício em smartphones. Além disso, o uso contínuo pode causar problemas posturais e prejudicar o desenvolvimento de habilidades interpessoais, essenciais para a convivência social.

Diante disso, é fundamental compreender e discutir as consequências do uso excessivo do celular, a fim de garantir que crianças e adolescentes utilizem essa tecnologia de forma equilibrada e saudável. O grande desafio está em encontrar um ponto de equilíbrio entre os benefícios que a tecnologia proporciona e os riscos associados ao seu uso descontrolado.

Assim, este trabalho busca responder às seguintes questões: quais são os efeitos do vício em smartphones, quais os sinais de uso excessivo e como prevenir esses problemas, promovendo um uso mais consciente e responsável dos dispositivos móveis.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Conduzir uma análise aprofundada sobre o impacto do uso crescente do celular, visando compreender como essa prática influencia em hábitos diários, interações sociais e no desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais.

Os resultados desta análise deverão subsidiar a proposição de intervenções e campanhas de conscientização que promovam a cidadania digital e o uso ético, responsável e pedagógico do celular, visando a melhoria do ambiente de aprendizado na escola e o desenvolvimento integral dos adolescentes, garantindo que a tecnologia seja uma aliada, e não um obstáculo, à formação educacional.

Objetivos específicos

1. Identificar sinais de uso excessivo do celular;
2. Apurar a média diária de tempo de tela;
3. Identificar ações para equilibrar o uso.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com o auxílio de um celular, utilizado para realizar pesquisas em sites confiáveis e noticiários, garantindo a coleta de dados atualizados e relevantes.

O método adotado foi o descritivo pois buscou descrever e analisar informações já existentes sobre o tema.

Além disso, a pesquisa utilizou abordagens quantitativas e qualitativas. A abordagem quantitativa foi aplicada por meio da coleta e análise de dados numéricos obtidos nas pesquisas online. Já a abordagem qualitativa foi realizada através de uma dinâmica com alguns alunos, que responderam

perguntas específicas sobre o tema, permitindo uma compreensão mais aprofundada das percepções e opiniões dos participantes.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em 2022, uma análise do uso de smartphones por 33.831 pessoas de 15 a 35 anos em 24 países revelou que o Brasil está em 4º lugar no ranking de uso problemático de smartphones.

Em 2025, a posse do celular no Brasil atingiu 88,9% da população de 10 anos ou mais, com a média diária de mais de cinco horas, segundo o exame.

A tecnologia traz, sim, benefícios, e isso é fato!

O celular oferece comunicação instantânea, acesso rápido a informações e entretenimento, e são ferramentas para trabalho e educação, mas o seu uso excessivo pode causar diversos problemas, como dor de cabeça, dor de pescoço e costas, distúrbios do sono, problemas de concentração, dificuldade de aprendizagem, vício, problemas de autoestima, nomofobia, isolamento social, etc.

Estudos mostram que adolescentes menores de 13 anos têm maior suscetibilidade a desenvolver dependência de smartphones, devido à sua imaturidade cerebral, mas qualquer indivíduo pode se tornar um viciado em celulares.

Os problemas psíquicos mais comuns encontrados naqueles que abusam dos celulares são depressão, ansiedade e impulsividade. Isso sem falar da diminuição da capacidade social.

Isso não é à toa; dispositivos móveis abrem ao seu usuário uma porta para o mundo, em um local sem a proteção parental, trazendo informações, contatos e comportamentos nem sempre adequados para a idade e maturidade do portador.

Uma das medidas mais debatidas na educação brasileira em 2025, a proibição do uso de celulares por alunos dentro das salas de aula, já apresenta resultados concretos.

Mais de 80% dos estudantes afirmam que têm prestado mais atenção nas aulas desde que o veto entrou em vigor.

O uso do celular pode, sim, ser saudável, e existem vários aplicativos que podem nos ajudar nessa jornada. Como, por exemplo, o "StayFree - Screen Time", que tem mais de 10 milhões de downloads e 237mil avaliações.

Figura 1: Representação do vício em aparelhos eletrônicos na infância



Fonte: Os autores (2025)

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Durante a pesquisa, constatamos que o uso excessivo do celular é uma realidade presente entre os adolescentes da escola e está diretamente relacionado a mudanças nos hábitos diários, na concentração e na convivência social. A aplicação de um questionário revelou que a maior parte dos estudantes utiliza o celular por mais de cinco horas diárias, especialmente para acessar redes sociais, assistir vídeos e jogar. Apenas uma pequena parcela afirmou conseguir controlar o tempo de uso sem dificuldade.

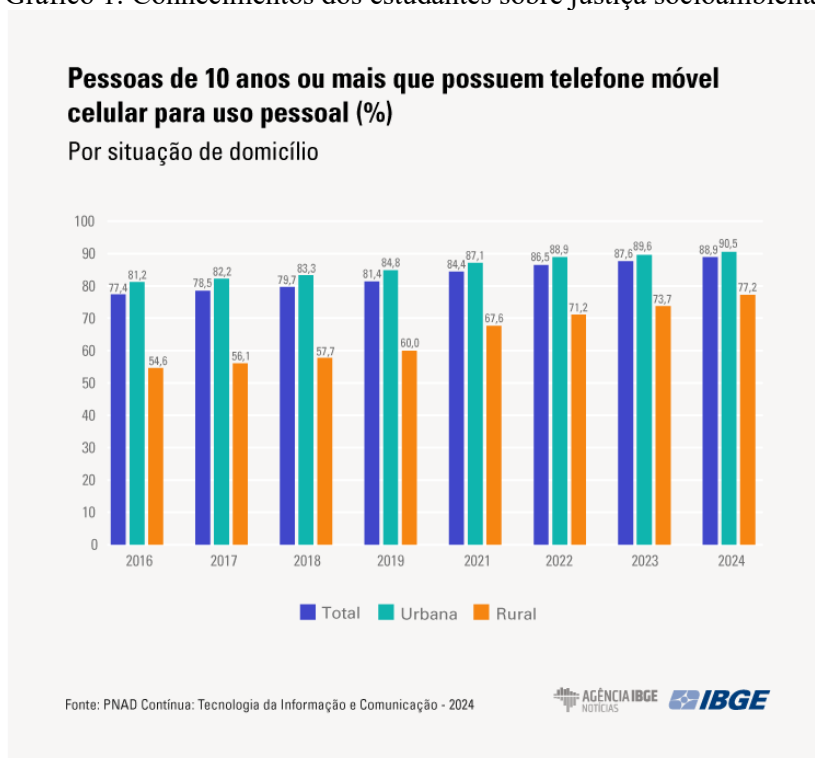
Esses resultados confirmam o que foi apontado por estudos recentes: o Brasil está entre os países com maior índice de uso problemático de smartphones, e os adolescentes são o grupo mais vulnerável a desenvolver dependência digital. Muitos relataram sentimentos de ansiedade e irritação quando ficam sem o aparelho, o que demonstra sinais de nomofobia — o medo de ficar desconectado.

Além dos impactos psicológicos, também foram relatados problemas físicos como dor de cabeça, desconforto visual e insônia. Esses sintomas estão diretamente ligados ao tempo excessivo diante das telas e à exposição à luz azul, conforme já destacado na fundamentação teórica. Alguns alunos também reconheceram que o celular atrapalha o foco nos estudos e nas tarefas diárias, levando à procrastinação e queda no rendimento escolar.

Os dados obtidos permitiram comparar a realidade local com o cenário nacional, reforçando que o problema é tanto individual quanto social. Ao mesmo tempo, observou-se que boa parte dos entrevistados reconhece a importância do uso equilibrado da tecnologia e demonstra interesse em mudanças de comportamento, como reduzir o tempo de tela ou utilizar aplicativos de controle digital.

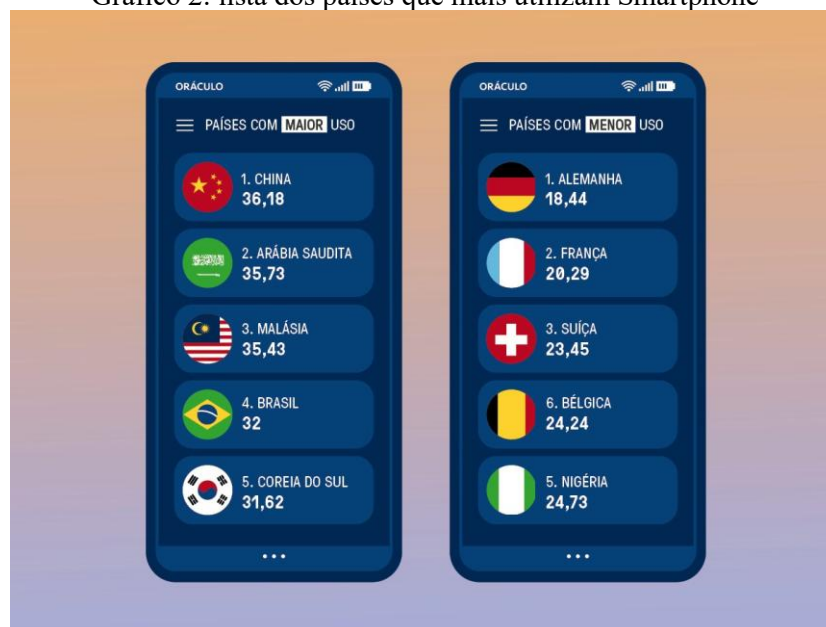
Essa percepção mostra que a conscientização é possível e que ações educativas dentro da escola podem contribuir significativamente para o uso saudável da tecnologia. A produção do infográfico e da cartilha digital como produto final surgiu justamente dessa necessidade: criar um material acessível que sirva de apoio para campanhas de orientação e prevenção ao vício digital.

Gráfico 1: Conhecimentos dos estudantes sobre justiça socioambiental



Fonte: IBGE 2024

Gráfico 2: lista dos países que mais utilizam Smartphone



Fonte: PNAD Contínua : Tecnologia de infecção e comunicação - 2024

Portanto, pode-se concluir que os resultados da pesquisa atingiram os objetivos propostos, oferecendo um retrato fiel da relação dos adolescentes com o celular e apontando caminhos práticos para uma convivência mais equilibrada com as tecnologias. Ainda assim, o tema permanece aberto para novos estudos, como a investigação do impacto das redes sociais na autoestima e nas relações interpessoais dos jovens.

6 PRODUTO FINAL

Durante o desenvolvimento da nossa pesquisa, percebemos que o uso excessivo do celular afeta não apenas a saúde física e mental, mas também o convívio social e o aprendizado dos jovens.

A maioria dos alunos entrevistados afirmou ter dificuldade em controlar o tempo de uso, o que mostra que o vício em smartphones é um problema real entre adolescentes.

Como resultado da nossa pesquisa e com o objetivo de contribuir com a comunidade escolar, o nosso grupo produziu uma cartilha digital, com informações sobre os riscos do uso exagerado do celular e dicas para um uso mais saudável e equilibrado.

Esse material foi pensado para circular entre os alunos e professores da escola, como forma de conscientizar e incentivar o uso responsável da tecnologia. Criamos um Código QR para acesso à cartilha, que pode ser também impresso e espalhado em lugares públicos.

Avaliando os nossos objetivos, consideramos que eles foram alcançados, pois conseguimos entender melhor os impactos do vício digital e propor ações preventivas.

Por fim, concluímos que o celular pode ser um aliado importante na comunicação e nos estudos, mas precisa ser usado com responsabilidade. Esperamos que nossa pesquisa e o material produzido possam ajudar outros

jovens a refletirem sobre o tempo que passam conectados e a buscarem mais equilíbrio no dia a dia.

REFERÊNCIAS

PAULA, Vanessa Cristina Godoi de; NEVES, Ana Carolina das; OLIVEIRA, Giani Alves de; ANTONIO, Ana Carolina Ferreira Tsunoda Del; ANTONIO, Tiago Tsunoda Del; JASSI, Fabrício José. Análise da dependência do uso de smartphone em comparação à dor, sono, ansiedade e depressão em universitários. *Fisioterapia em Movimento*, v. 36, e36110.0, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/fm.2023.36110.0>.

CNN Brasil. O impacto do vício digital na saúde mental dos jovens. 2024.

SENADO FEDERAL. Audiência pública sobre o vício em celular no Brasil. 2023.

SAÚDE MENTAL NA ERA DIGITAL

Ana Vitória de Araújo, Maria Vitória Silva, Tawany Souza Soares,
Yasmim Cordeiro Silva, Profª. Esp. Rosiana de Brito Luz Castro,
Profª M.a. Lêuda Fernandes Ferreira

1 INTRODUÇÃO

Saúde Mental é o estado de equilíbrio emocional, psicológico e social, que permite a pessoa: lidar com os desafios e pressões do dia a dia, manter relacionamentos saudáveis, tomar decisões, e vive com bem-estar. Em outras palavras: é quando conseguimos cuidar da mente assim como cuidamos do corpo, mantendo qualidade de vida. Percebemos que esse tema exerce grande impacto sobre a saúde mental das pessoas, e por isso escolhemos abordá-lo em nosso trabalho, considerando sua relevância e importância para a sociedade atual. pela crescente influência das tecnologias e das redes sociais na vida cotidiana, especialmente entre os jovens. Observa-se que o uso excessivo dos meios digitais pode gerar impactos significativos no bem-estar emocional, como ansiedade, estresse e isolamento social. Dessa forma, esta pesquisa busca compreender melhor essas consequências, promover a conscientização sobre o uso equilibrado das tecnologias e incentivar práticas que favoreçam uma relação mais saudável com o mundo digital.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar os impactos da era digital na saúde mental, promovendo o uso consciente da tecnologia e incentivando o equilíbrio emocional, social e psicológico diante dos desafios do mundo virtual aos estudantes da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti.

Objetivos específicos

1. Compreender de que forma o uso excessivo das redes sociais pode afetar o bem-estar emocional e psicológico dos estudantes;
2. Ouvir a opinião dos alunos sobre o impacto da internet em sua rotina e saúde mental;
3. Refletir sobre possíveis maneiras de usar as redes sociais de forma mais equilibrada e saudável;
4. Entrevistar um profissional da área, no caso um psicólogo, para obter uma visão técnica sobre o tema.

3 METODOLOGIA

Este estudo investigou os impactos do uso das redes sociais na saúde mental de jovens, com foco na relação entre o tempo de exposição e os efeitos no bem-estar. A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas e de campo com uma amostra de alunos da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, selecionados aleatoriamente, 21 pessoas participaram da pesquisa. As entrevistas abordaram questões como o tempo diário dedicado às redes sociais e a percepção dos participantes sobre os efeitos dessas plataformas em sua saúde mental. Além disso, foi realizada uma entrevista com um profissional da psicologia, visando obter insights sobre os impactos psicológicos do uso excessivo das redes sociais. As respostas do especialista foram gravadas, editadas e integradas à análise dos dados. A análise dos dados coletados buscou identificar padrões e tendências que permitam compreender os efeitos das redes sociais na saúde mental dos jovens, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de promoção do equilíbrio digital e bem-estar.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

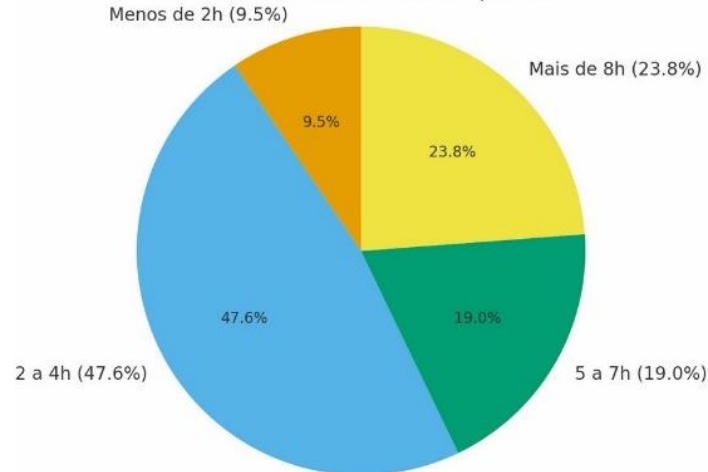
A saúde mental, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é um estado de bem-estar no qual o indivíduo consegue utilizar suas habilidades, lidar com o estresse cotidiano, trabalhar de forma produtiva e contribuir com sua comunidade. Na atualidade, esse conceito ganha novas dimensões devido ao impacto das tecnologias digitais na vida cotidiana, especialmente entre adolescentes e jovens.

Além disso, a era digital transformou profundamente a forma como as pessoas se comunicam, constroem vínculos e percebem a si mesmas. As redes sociais, em particular, podem gerar efeitos positivos e negativos na saúde mental. Por um lado, elas facilitam a interação, o acesso à informação e a expressão pessoal. Por outro, podem desencadear sentimentos de comparação social, baixa autoestima e necessidade constante de validação, especialmente entre jovens que estão em fase de formação da identidade. Pesquisadores da área da psicologia alertam que o excesso de exposição a conteúdos idealizados ou negativos pode aumentar o risco de estresse emocional, solidão e desgaste psicológico, tornando essencial o desenvolvimento de práticas de uso consciente.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada com estudantes da escola, respeitando o seu anonimato. As entrevistas foram realizadas no período de 10 a 12 de setembro de 2025 e 21 estudantes participaram. Abaixo destacam-se duas perguntas que foram importantes para o andamento do trabalho.

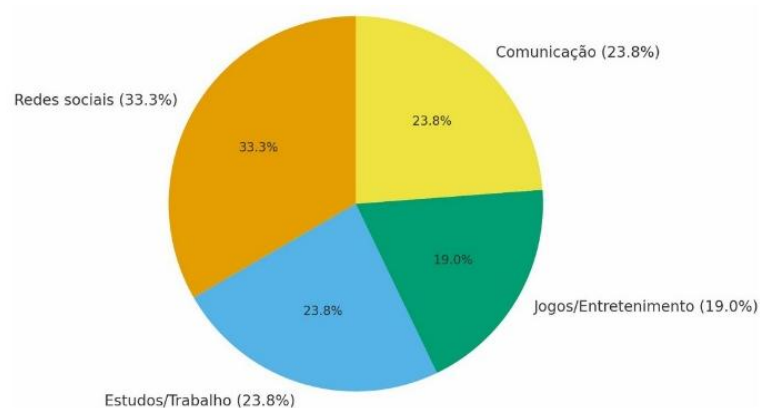
Gráfico 1 – Horas de uso de celular por dia



Fonte: As Autoras (2025)

O primeiro gráfico mostra o tempo diário de uso do celular. A maior parte dos respondentes, representando 47,6%, utiliza o celular entre 2 e 4 horas por dia, o que caracteriza um uso moderado. No entanto, chama atenção o fato de 23,8% utilizarem o aparelho por mais de 8 horas diárias e outros 19% por 5 a 7 horas, configurando um grupo significativo de uso intensivo. Apenas 9,5% afirmam utilizar o celular por menos de 2 horas ao dia, indicando que o contato frequente com o aparelho é rotina para a maioria dos participantes.

Gráfico 2 – Finalidade do uso do celular



Fonte: As Autoras (2025)

O segundo gráfico apresenta a finalidade principal do uso do celular entre os participantes. Observa-se que a maioria utiliza o aparelho para acessar redes sociais, correspondendo a 33,3% das respostas. Esse dado revela que o celular é visto, sobretudo, como uma ferramenta de lazer e interação virtual. Em seguida, aparecem empatadas as categorias comunicação e estudos/trabalho, ambas com 23,8%. Isso indica que, além do entretenimento, o aparelho desempenha um papel importante tanto na manutenção de contatos pessoais quanto no apoio às atividades escolares. Por fim, 19% dos participantes afirmam utilizar o celular principalmente para jogos e entretenimento, mostrando que, embora seja uma finalidade presente, tem menor destaque em relação às demais.

Percebe-se que o alto tempo de uso diário se conecta com o fato de que grande parte dos estudantes utiliza o celular para redes sociais, atividade que costuma demandar longos períodos de interação. Ainda assim, o uso para estudos também se destaca, mostrando que o aparelho, apesar de ser fonte de entretenimento, também funciona como recurso de apoio escolar. Esses resultados reforçam a necessidade de trabalhar a educação digital, promovendo equilíbrio entre lazer, comunicação e atividades acadêmicas, além de incentivar o uso consciente do celular no cotidiano.

6 PRODUTO FINAL

Diante do exposto, compreende-se que a saúde mental na era digital requer atenção e conscientização contínuas. O uso equilibrado das tecnologias é essencial para evitar impactos negativos no bem-estar psicológico, promovendo uma relação saudável entre o indivíduo e o ambiente digital. O vídeo "Saúde Mental na Era Digital" é o resultado da pesquisa realizada sobre os impactos do uso das redes sociais na saúde mental de jovens. O vídeo apresenta uma compilação de uma entrevista realizada com um analista da escola de psicologia.

Então, para o produto final foi produzido como uma forma educativa que visa estimular discussões e ações para promover um uso mais saudável das redes sociais. O material de audiovisual tem uma duração de 4 minutos.

Imagem 1 – Entrevista com o psicólogo



Fonte: As Autoras (2025)

Imagem 2 - Qr Code para acesso ao vídeo



Fonte: As Autoras (2025)

REFERÊNCIAS

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. Saúde Mental na Era Digital. Disponível em: <https://portal.sbpcnet.org.br/noticias/saude-mental-na-era-digital/>. Acesso em: 5 junho de 2025.

ENIAC. Saúde Mental na Era Digital: Desafios e Soluções para uma Vida Equilibrada. Disponível em: <https://www.eniac.edu.br>. Acesso em: 10 de setembro de 2025.

CIÊNCIA & CULTURA CAST. Podcast Saúde Mental na Era Digital. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7ccXwIF1mS2Q14HG1rOQnp> . Acesso em: 20 de outubro de 2025.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ana Angelyne Almeida e Silva, Lorrana Evelin Alves Rodrigues,
Maria Izabela da Silva Nascimento, Rafaela Damiana da Silva
Nascimento, Stefhany Vitoria Ferreira dos Santos, Yasmim Kelly
Almeida da Silva, Prof.^a Esp. Poliana da Silva Santos, Prof.^a Esp.
Maria Roseneti da Silva Souza

1 INTRODUÇÃO

A motivação para a escolha deste tema surgiu a partir da observação de situações cotidianas em que mulheres, mesmo em pleno século XXI, ainda se encontram em posição de vulnerabilidade diante de diferentes formas de violência. Esse fenômeno não se limita a casos extremos divulgados pela mídia, mas também se manifesta de forma silenciosa em lares, ambientes de trabalho e espaços públicos, o que evidencia necessidade de aprofundar a reflexão sobre o assunto.

A violência contra a mulher é compreendida como um problema social, histórico e cultural que ultrapassa fronteiras geográficas e classes sociais, refletindo-se como uma violação dos direitos humanos. No Brasil, a Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, representou um marco legal no combate a essa realidade, reconhecendo que a violência contra a mulher assume diferentes formas e precisa ser enfrentada em todas as suas dimensões.

Entre os principais tipos de violência identificados estão:

- Violência física, caracterizada por agressões corporais que colocavam em risco a integridade da mulher;
- Violência psicológica, que envolvia ameaças, intimidações, humilhações e controle emocional;
- Violência sexual, que ocorria quando havia imposição de práticas sexuais não consentidas;
- Violência patrimonial, ligada à destruição,

- retenção ou subtração de bens, documentos ou recursos financeiros;
- Violência moral, que incluía calúnia, difamação e injúria contra a dignidade da mulher.

Dessa forma, a pesquisa buscou evidenciar que a violência contra a mulher não é apenas uma questão individual, mas um reflexo de estruturas sociais desiguais que precisava ser transformada. Diante dessa realidade, surge a seguinte pergunta problema: De que forma ações educativas na escola podem contribuir para a conscientização e prevenção da violência contra a mulher entre estudantes?

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar as formas de violência contra a mulher e suas implicações sociais.

Objetivos específicos

1. Identificar os principais tipos de violência sofrida pelas mulheres, com base na Lei Maria da Penha;
2. Apontar as consequências físicas, emocionais e sociais decorrentes da violência;
3. Refletir sobre a necessidade de mudanças sociais e educacionais para a construção de uma cultura de respeito e igualdade de gênero.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa, pois buscou compreender os pensamentos, sentimentos e reflexões das estudantes sobre a violência contra a mulher, em vez de se limitar a números ou estatísticas.

O estudo foi realizado na Escola EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, com estudantes mulheres das turmas do 1º ano A e B. Foi realizada

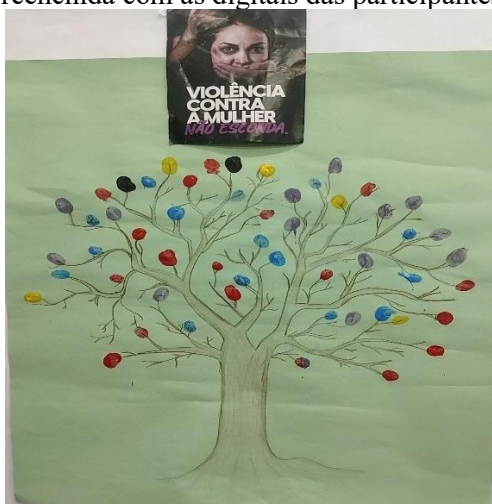
uma roda de conversa, acompanhada por um psicólogo, que mediou o debate, esclareceu dúvidas e realizou intervenções sempre que necessário.

Durante a roda de conversa, foram exibidos vídeos com relatos de pessoas que passaram por situações de violência, produzidos pelas próprias alunas, preservando o anonimato e sem divulgar os nomes reais. Essa estratégia contribuiu para sensibilizar e promover a reflexão das participantes sobre o tema.

Além disso, foram entregues panfletos contendo informações preventivas e números de disque- denúncia, para reforçar a conscientização e oferecer orientação prática às participantes.

A atividade permitiu que as estudantes refletissem sobre a violência contra a mulher, compartilhassem suas percepções e compreendessem a importância da prevenção e do apoio às vítimas. Dessa forma, o trabalho contribuiu para a formação de um espaço de conscientização e sensibilização dentro da escola.

Imagem 1: Árvore preenchida com as digitais das participantes da roda de conversa



Fonte: Os autores (2025)

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência contra a mulher constitui um fenômeno histórico, social e cultural, que ultrapassa os limites da esfera privada e configura-se como uma grave violação dos direitos humanos. De acordo com a Convenção de Belém do Pará (1994), trata-se de “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado”. Essa definição amplia a compreensão do problema, reconhecendo que a violência se manifesta em diferentes dimensões da vida social.

A literatura acadêmica aponta que a origem da violência de gênero está relacionada ao patriarcado e às desigualdades estruturais entre homens e mulheres. Como afirma Saffioti (2004, p. 56), “a violência contra a mulher não pode ser entendida apenas como ato individual de um agressor, mas como resultado de uma ordem social que privilegia o masculino e subordina o feminino”. Essa perspectiva ajuda a compreender que a violência é sustentada por práticas culturais que naturalizam a dominação masculina.

As consequências da violência ultrapassam o âmbito individual, atingindo a saúde física, mental e social das mulheres. Para Meneghel e Portella (2017, p. 2558), mulheres em situação de violência apresentam maior risco de desenvolver depressão, ansiedade e transtornos pós-traumáticos, além de sofrer impacto em sua vida profissional e social. Assim, trata-se de um fenômeno que fragiliza não apenas a vítima, mas também a coletividade, ao perpetuar desigualdades e exclusões.

É preciso destacar também que, conforme argumenta Bourdieu (2002, p. 47), a violência simbólica exerce papel fundamental nesse processo, pois age de maneira invisível, legitimando práticas de opressão e sustentando relações de poder que inferiorizam a mulher. Esse conceito é essencial para entender formas sutis de violência, muitas vezes invisibilizadas, mas igualmente prejudiciais.

Portanto, a fundamentação teórica evidencia que a violência contra a mulher é um fenômeno multidimensional, marcado por fatores culturais, sociais e históricos, que exige enfrentamento por meio de legislação efetiva, políticas públicas articuladas e transformações culturais. Como ressalta Butler (2019, p. 112), “o combate à violência de gênero só é possível quando se questionam as normas que sustentam a desigualdade entre homens e mulheres.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Ao longo da pesquisa, foi realizada uma roda de conversa com algumas alunas, acompanhadas por um psicólogo, que mediou o debate, esclareceu dúvidas e realizou intervenções sempre que necessário.

Foi possível observar que as estudantes demonstraram interesse e engajamento no tema da violência contra a mulher. As discussões revelaram que muitas delas já tinham alguma noção sobre diferentes tipos de violência, mas não conheciam com profundidade os aspectos legais, preventivos e os recursos disponíveis para denúncia.

Os vídeos com relatos de vítimas, produzidos pelas próprias alunas pesquisadoras, de forma anônima, tiveram grande impacto, pois possibilitaram que as participantes se conectassem emocionalmente com as situações apresentadas, favorecendo a empatia e a reflexão sobre comportamentos de risco e sobre a importância da denúncia.

No decorrer da roda de conversa, algumas alunas compartilharam relatos reais vivenciados por elas, criando momentos comoventes e de grande impacto emocional. Esses depoimentos contribuíram para tornar a discussão ainda mais concreta e próxima da realidade das participantes, fortalecendo a compreensão sobre a gravidade da violência contra a mulher.

A entrega dos panfletos informativos reforçou o conteúdo discutido, oferecendo orientações práticas e números de disque-denúncia, o que

contribuiu para que as estudantes compreendessem melhor como agir em casos de violência, seja para si mesmas ou para ajudar outras pessoas.

A presença do psicólogo foi fundamental durante toda a atividade, auxiliando a mediação do debate, apoiando as alunas emocionalmente, esclarecendo dúvidas e intervindo quando necessário. Esse acompanhamento profissional garantiu que a roda de conversa fosse um espaço seguro, respeitoso e produtivo, permitindo que as participantes se expressassem livremente.

Com base nas observações realizadas, constatou-se que a roda de conversa promoveu uma conscientização significativa entre as estudantes, despertando reflexões sobre seus direitos, sobre o papel da sociedade na proteção das mulheres e sobre a importância de buscar apoio em casos de violência. Esses resultados indicam que atividades educativas e interativas, aliadas a recursos visuais, relatos reais, materiais informativos e apoio profissional, são estratégias eficazes para sensibilizar jovens e fortalecer a prevenção da violência no ambiente escolar.

6 PRODUTO FINAL

A pesquisa realizada alcançou os objetivos propostos, respondendo à pergunta inicial: De que forma ações educativas na escola podem contribuir para a conscientização e prevenção da violência contra a mulher entre estudantes?

As ações educativas desenvolvidas na escola, como a roda de conversa com exibição de vídeos, relatos reais das alunas e entrega de panfletos informativos, mostraram-se eficazes para a conscientização e prevenção da violência contra a mulher. Durante a atividade, as estudantes puderam refletir sobre suas experiências, compreender os diferentes tipos de violência e conhecer os recursos disponíveis para denúncia, fortalecendo a percepção de seus direitos e a importância da prevenção.

O acompanhamento do psicólogo garantiu que o debate fosse seguro e orientado, permitindo que as alunas se expressassem livremente e recebessem apoio emocional quando necessário. Assim, essas ações contribuíram para despertar empatia, responsabilidade e senso crítico, evidenciando que atividades educativas interativas e contextualizadas podem ser estratégias eficazes para reduzir a vulnerabilidade à violência e promover a conscientização entre jovens no ambiente escolar.

Os resultados indicam que as atividades educativas realizadas na escola tiveram impacto positivo na conscientização das estudantes sobre a violência contra a mulher.

Para pesquisas futuras, sugere-se a realização de atividades similares com um maior número de turmas e faixas etárias diferentes, incluindo a participação de estudantes do ensino fundamental e médio.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ. Organização dos Estados Americanos, 1994.

MENEGHEL, S. N.; PORTELLA, A. P. Violência de gênero e saúde coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 9, p. 2555-2564, 2017.

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, R. R. A Lei Maria da Penha e sua efetividade. *Revista de Estudos Jurídicos*, v. 23, p. 95-110, 2018.

A VIVÊNCIA MATERNA FRENTE AO DIAGNÓSTICO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Kathelly Victoria Antas da Silva, Italo Gabriel de Brito Nascimento, Luiz Carlos Ferreira Silva, Douglas Miguel Souza Silva, Emerson de Souza Silva, Prof.^a Esp. Alberlandes Santana Coelho, Prof.^a Esp. Maria Roseneti da Silva Souza

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal explorar essa vivência, mergulhando nos desafios emocionais e práticos enfrentados por essas mulheres e, ao mesmo tempo, destacando as estratégias de superação e resiliência que elas desenvolvem. Acreditamos que, ao dar voz a essas experiências, podemos não apenas gerar empatia e conscientização, mas também honrar a dedicação e o amor que permeiam essa jornada.

A pesquisa busca, portanto, analisar as redes de apoio, a importância da informação e as estratégias de autocuidado que se tornam essenciais para que essas mães não apenas sobrevivam, mas floresçam junto a seus filhos.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar a vivência de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista, abordando os desafios enfrentados e as estratégias de superação, a fim de gerar maior compreensão sobre a complexidade e a resiliência dessa jornada.

Objetivos específicos

1. Identificar os principais desafios emocionais, sociais e práticos vivenciados pelas mães desde o momento do diagnóstico;
2. Descrever o impacto do diagnóstico na dinâmica familiar e na rede de apoio social da mãe.

3. Investigar a importância do conhecimento sobre o TEA e o papel das redes de apoio (familiares, grupos e profissionais) na jornada de superação.
4. Citar e discutir as principais estratégias de autocuidado e fortalecimento pessoal utilizadas pelas mães para enfrentar a sobrecarga.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Essa abordagem consiste na coleta, análise e interpretação de materiais já publicados, como livros, artigos científicos, documentos e teses, que servem como base teórica para o tema de estudo. A escolha por este método se justifica pela vasta quantidade de informações existentes sobre o Transtorno do Espectro Autista e a vivência familiar, o que permite um aprofundamento do tema sem a necessidade de uma pesquisa de campo.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA)?

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que se manifesta na infância e persiste por toda a vida. Ele é caracterizado por desafios na comunicação e interação social, bem como por padrões de comportamento, interesses e atividades restritos ou repetitivos. A palavra “espectro” é fundamental para a compreensão do autismo, pois indica que os sintomas e o nível de suporte necessário variam amplamente de uma pessoa para outra. Enquanto alguns indivíduos no espectro podem ter grande autonomia, outros podem necessitar de apoio significativo em sua rotina diária.

As manifestações do TEA podem incluir dificuldades para iniciar ou manter uma conversa, falta de contato visual, expressões faciais limitadas e dificuldade em entender as emoções dos outros. Comportamentos repetitivos,

como o balanço do corpo ou o alinhamento de objetos, e interesses intensos em tópicos específicos também são comuns.

O diagnóstico é clínico, realizado por profissionais de saúde especializados, como neurologistas ou psiquiatras, com base em critérios estabelecidos por manuais como o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais).

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

A partir da análise da literatura e dos relatos de mães disponíveis em artigos e comunidades, torna-se evidente que a vivência materna frente ao diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um processo multifacetado. O diagnóstico, embora assustador no início, representa o ponto de partida para a ação. O luto inicial se transforma em força, e a busca por conhecimento se torna um propósito.

Os resultados demonstram que as mães que conseguem superar a fase de choque e luto mais rapidamente são aquelas que encontram um apoio de qualidade. O suporte familiar, a conexão com outras mães e a orientação de profissionais especializados são os pilares que sustentam a resiliência. Em contrapartida, a falta de apoio leva a um aumento significativo nos índices de estresse e depressão.

A resiliência, nesse caso, não é a ausência de dor, mas a capacidade de se reerguer e encontrar sentido na nova realidade. As mães se tornam mais fortes, mais empáticas e, muitas vezes, descobrem uma vocação para ajudar outras famílias. O amor incondicional pelo filho é o motor que impulsiona a jornada, transformando os desafios em oportunidades de crescimento e superação.

6 PRODUTO FINAL

Este trabalho teve como objetivo principal explorar a vivência de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa bibliográfica permitiu compreender que essa jornada é uma complexa combinação de desafios emocionais, sociais e práticos, mas que também revela uma notável capacidade de superação e resiliência.

O diagnóstico de TEA é, sem dúvida, um momento de profunda transformação. Sentimentos iniciais de choque, luto e medo dão lugar a uma luta diária por informações, direitos e terapias. Contudo, a força da maternidade se manifesta de forma poderosa: as mães se tornam especialistas em suas próprias realidades e encontram apoio em comunidades e profissionais para navegar nessa jornada.

A experiência materna diante do TEA é uma narrativa de amor incondicional. A dedicação e a força dessas mulheres, que se reinventam a cada dia para garantir o bem-estar de seus filhos, são um exemplo de coragem e esperança. Mais do que um diagnóstico, o TEA se torna um convite para uma vida com propósito, onde os desafios são vistos como degraus para a construção de um futuro mais inclusivo e cheio de amor.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial da União, Brasília, 2012.

CUNHA, C. M. Mães de crianças com autismo: desafios, sentimentos e superações. Revista Psicologia & Sociedade, v. 28, n. 3, p. 550-561, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 09 out. 2025.

OLIVEIRA, A. P.; LIMA, R. S. Vivências maternas diante do diagnóstico de autismo: uma análise sobre o cuidado e a resiliência. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 25, n. 2, p. 245-258, 2019.

SILVA, L. M.; ALMEIDA, C. F. O impacto do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na família. Revista Psicologia em Estudo, v. 23, n. 4, p. 321-333, 2018.

SURIAN, Luca. Autismo: Informações essenciais para familiares, educadores e profissionais da saúde /Luca Surian; tradução de Cacilda Rainho Ferrante, Andréia Schweitzer – 2 ed. revista e atualizada. – São Paulo : Paulinas, 2023.

PRODUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS INCLUSIVOS NA PERSPECTIVA DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA)

Alice Gonçalves de Souza Karen, Laryssa da Conceição dos Anjos, Kelvyn da Silva Santos, Maria Clara da Silva, Rebeca Rodrigues Pereira, Williane Vitória Benício de Lima, Prof.^a M.a. Cleoneide Vieira de Souza Mendes, Prof.^a Esp. Maria das Graças de Santana Souza, Grad. Gessica da Silva Santos

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da observação de situações cotidianas no ambiente escolar que revelam desafios na promoção de uma aprendizagem verdadeiramente inclusiva. Muitas vezes, percebe-se que as práticas pedagógicas ainda não contemplam plenamente as necessidades e potencialidades de todos os estudantes, o que evidencia uma distância entre a teoria da inclusão e a realidade das salas de aula. Diante disso, surgiu o interesse em investigar o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), uma proposta que busca tornar o ensino mais acessível, participativo e significativo para todos.

O DUA teve origem no campo da arquitetura, a partir da necessidade de projetar estruturas que atendessem a um amplo número de usuários, incluindo pessoas com deficiência, sem depender de adaptações posteriores. Com o tempo, esse conceito foi incorporado à educação, traduzindo o modelo social de deficiência em uma prática pedagógica que visa ampliar as oportunidades de aprendizagem e participação de todos os estudantes. Segundo Zerbato e Mendes (2018), trata-se de uma abordagem que busca transformar contextos e eliminar barreiras, promovendo o direito de aprender de forma equitativa.

Proposto por Meyer, Rose e Gordon (2014), o DUA expande o conceito de desenho universal ao aplicá-lo à aprendizagem, atuando em duas dimensões principais: a flexibilização curricular, que permite ajustar

estratégias às diferentes formas e ritmos de aprender, e a diferenciação entre o acesso à informação e o acesso à aprendizagem, garantindo que cada estudante possa aprender de maneira significativa. Assim, o DUA representa um caminho promissor para repensar práticas pedagógicas e fortalecer o compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar como o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) pode contribuir para a construção de práticas inclusivas, que favoreçam a participação e o desenvolvimento de todos os estudantes respeitando suas diferenças e potencialidades.

Objetivos específicos

1. Identificar como ocorre o processo de aquisição de leitura e escrita no contexto da alfabetização dos alunos com Deficiência Intelectual-DI
2. Reconhecer a importância dos Recursos Didáticos Inclusivos como instrumentos fundamentais para o desenvolvimento da leitura e da escrita de estudantes com deficiência intelectual;
3. Aplicar, de forma prática, os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) na elaboração de materiais acessíveis.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada com base na realidade da escola. O estudo aconteceu entre os meses de agosto e setembro de 2025, em uma escola estadual da região do sertão pernambucano. Participaram da pesquisa 01 gestora, 01 assistente de gestão, 02 coordenadoras pedagógicas e 10 professores do ensino regular, professores 03 professores de AEE (Atendimento Educacional Especializado).

O estudo apresentado foi realizado através de uma pesquisa qualitativa, uma vez que este tipo de investigação dá maior ênfase à descrição e à compreensão dos fenômenos sociais através da interpretação do seu sentido, na realidade onde se inserem. Conforme Stake (2012, p.62), uma das características do estudo qualitativo é o seu caráter interpretativo. “O observador no local trabalha para manter a atenção livre, para reconhecer acontecimentos relevantes para o problema e está orientado para o fato de a investigação ser uma interação investigador- sujeito”. Optou-se pelo método estudo de caso, na perspectiva indutiva que é o resultado de observações e experiências sobre um determinado fato, e a partir dele, a busca de compreensão sobre as causas do fenômeno, ou seja, parte do fenômeno, do individual, para posteriormente produzir generalizações, segundo Gil (2008,p.11), o método indutivo se compara ao método dedutivo, dizendo que “[...] se por meio da dedução chega-se a conclusões verdadeiras e por meio da indução chega-se a conclusões que são apenas prováveis.” O estudo de caso é um método qualitativo que consiste geralmente em uma forma de aprofundar uma unidade individual, para Yin (2015, p.2), “a pesquisa de estudo de caso é uma das várias maneiras de realizar uma pesquisa nas ciências sociais”. Nesta pesquisa o estudo de caso é caracterizado como “estudo de caso único integrado”. Como instrumento para coleta de dados, foram utilizados entrevistas segundo Quivy & Campenhoudt (2005, p.192), “a entrevista semiestruturada é muito utilizada no domínio da investigação em ciências humanas e sociais, por não serem inteiramente abertas nem muito direcionadas através de perguntas precisas”.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Góes, da Silva e Berbetz (2023), o conceito de Desenho Universal contribui para o ambiente escolar, incluindo o desenvolvimento de materiais didáticos que seguem alguns princípios. Eles afirmam também que

as escolas, cada vez mais, procuram formas de incluir estudantes com alguma necessidade educacional específica. No entanto, para os autores, a maioria das tecnologias educacionais acaba excluindo o educando, porque são desenvolvidas em prol do discente que necessita, sem que os demais possam usufruir. Diante disso, acabam gerando a exclusão dos estudantes em um processo que deveria ser inclusivo. Nesse sentido, entende-se que os materiais didáticos físicos devem ser desenvolvidos com base nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), a fim de garantir que todos os alunos possam interagir com o conteúdo de maneira equitativa, independentemente de suas habilidades, estilos de aprendizagem ou necessidades educacionais específicas.

De acordo com Santos, Guilardi Lopes e Melro (2021), em geral, os materiais didáticos serão inclusivos se utilizarem de diferentes linguagens em prol de contemplar a efetiva comunicação com diferentes públicos. Para os autores, a utilização de múltiplas linguagens pode ser uma considerável contribuição na produção de um material didático no sentido de oferecer maior compreensibilidade aos estudantes.

As estratégias de ensino devem ser pensadas para alcançar todos os estudantes, sendo fundamental disponibilizar uma variedade de abordagens e procedimentos que possam atender às diversas necessidades e estilos de aprendizagem. Exemplos: recursos didáticos de baixo custo, atividades práticas, discussões em grupo, tecnologias assistivas. Os três princípios fundamentais do DUA (Desenho Universal para a Aprendizagem): Representação, Engajamento e Ação e Expressão oferecem estratégias práticas e eficazes para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e adaptado às diversas necessidades dos alunos. Oferecendo diversas formas de expressão e incentivando o engajamento ativo, o professor cria oportunidades equitativas de aprendizado, permitindo que todos os alunos demonstrem suas habilidades de maneira significativa.

Aplicar os princípios do DUA é essencial para a criação de um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficaz. A eficácia do ensino e da aprendizagem inclusiva, integrada aos princípios do DUA, é fundamental para atender à diversidade. Compreender os estilos de aprendizagem individuais dos alunos, ou seja, a forma como o aluno aprende é algo fundamental para criar um ambiente educacional que atenda às necessidades de todos. Cada aluno possui um estilo de aprendizagem próprio, único. Reconhecer e adaptar o ensino a esses estilos é fundamental para personalizar a experiência educativa e maximizar o potencial de cada estudante favorecendo a participação e inclusão dos alunos.

Figura 1: Audiodescrição de imagens dos recursos: São quatro imagens na imagem superior esquerda: Um recurso pedagógico feito com garrafas PET verdes fixadas em uma estrutura de tubos de PVC. As garrafas estão dispostas em fila e contêm letras visíveis, formando palavras. O fundo é uma parede bege. A imagem superior direita: O mesmo recurso pedagógico. Novamente, as garrafas PET estão presas na estrutura, contendo letras que formam palavras. O fundo continua sendo uma parede bege. A imagem inferior esquerda: Um estudante com uniforme branco está em uma sala de aula manipulando materiais, possivelmente parte do recurso pedagógico mostrado nas imagens superiores. Ele está sentado à mesa, concentrado, com garrafas PET e outros materiais à sua frente. O fundo mostra armários e mesa com computadores. A imagem inferior direita: Um outro estudante, de perfil, interage com o recurso pedagógico. Ele está sentado à mesa, com o recurso posicionado à sua frente, parecendo estar concentrado na atividade. Fim da audiodescrição.



Fonte: Os autores (2025).

Obs: As imagens utilizadas foram autorizadas pelas famílias dos respectivos alunos. As habilidades a serem desenvolvidas a partir da construção do recurso: 1. Relacionar elementos sonoros (sílabas, fonemas, parte de palavras) com a sua representação escrita. 2. Segmentar oralmente palavras em sílabas. 3. Relacionar o som de cada sílaba à figura representada. 4. Desenvolver a habilidade da escrita.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

A gestão da escola. A partir dados sociodemográficos apresentados, verifica-se as participantes são do gênero feminino, com tempo de serviço na gestão da escola entre 3 e 10 anos. Esses dados revelam carreira longa e experiência para o cargo. Sobre as dificuldades apresentadas para exercício do cargo de gestor e coordenador, ambas se referiram a questão da equipe gestora ser reduzida com apenas 2 coordenadoras pedagógicas, para se trabalhar com um universo de mais de mil alunos. A coordenação se sente sobrecarregada, há uma grande demanda de trabalho, a escola funciona nos três turnos. No que se refere aos problemas da escola, encontra-se situada num contexto social vulnerável com uma estrutura familiar e social frágil, dificultando assim o processo educativo, onde muitas vezes, o que seria essencial como o trabalho de articulação com a família e desenvolvimento do aluno é deixado para trás, em função de trabalhos administrativos. Apesar do pouco contato com os pais, esses confiam no trabalho feito pela escola, (gestão) sendo que na maioria das vezes que esse contato é feito apenas com os professores em reuniões ou entrega de notas trimestralmente. Sobre o conhecimento sobre o DUA, disseram que já ouviram falar, mas que a escola ainda trabalha com essa metodologia Enquanto gestão da escola destacam-se os seguintes fatores que contribuem para a inclusão destes alunos, como a presença da família na escola, o acompanhamento feito pelos professores de AEE e também a presença dos assistentes de sala. Já os desafios para a

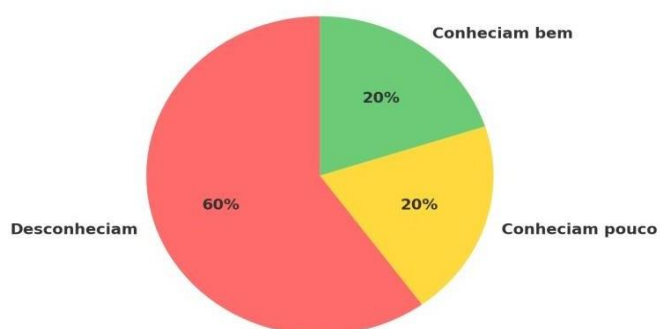
inclusão, segundo a equipe gestora são: a falta de competência técnica dos pais para ajudar seus filhos nas atividades escolares, a escassez de recursos materiais e falta de acessibilidade, dificulta o trabalho com alunos com deficiência, além da falta de formação do professor e sua grande carga de trabalho. Verifica-se a partir da análise dos dados da gestão, que a principal fonte de inclusão desta escola, está na abertura para a diferença e sensibilidade, para incluir qualquer aluno independentemente de ter deficiência ou não.

Os professores do Ensino Regular, logo no início da apresentação dos resultados, verificou-se que a maioria é do gênero feminino. No que se refere à função docente, percebe-se que as atividades comuns da sala de aula executadas pela maioria dos professores continuam sendo as mesmas. É importante perceber que a maioria dos professores não conhecia o DUA, alguns até conhecem de superficialmente. Entre os desafios para trabalhar com os alunos que tem deficiência são as seguintes: turmas grandes, sobrecarga de trabalho, falta de recursos, medo do desconhecido, falta de formação (não saber avaliar o aluno, dificuldade de comunicação). Alguns professores entrevistados consideram que deveria haver formação específica para cada tipo de deficiência, também relatam a necessidade de se ter mais recursos materiais e mais acessibilidade para atender melhor às necessidades desses alunos. Não basta incluir o aluno com deficiência na turma, é preciso garantir a sua permanência.

A partir da análise das entrevistas dos professores de AEE, pode se afirmar que estes participantes são do gênero feminino e masculino, com tempo de serviço de 3 a 16 anos na escola e com 6 a 15 de exercício da profissão na área de inclusão. Estas informações revelam a experiência de ambos com a educação especial, conhecimento amplo do ambiente onde trabalham, possibilitando uma maior desenvoltura para lidar com os problemas escolares e também como apoio a todo o trabalho de inclusão feito pela escola.

Conforme análise, a função de professor de educação especial, é variada é complexa, pois trabalha com diferentes deficiências e dá apoio ao professor do ensino regular e a toda escola, com o objetivo de promover cada vez mais a inclusão. Disseram que conheciam o DUA e que trabalham com essa metodologia, costumam adaptar ou criar recursos didáticos para trabalhar com seus alunos.

Gráfico 1: Conhecimentos dos professores sobre o DUA



Fonte: Os autores (2025).

6 PRODUTO FINAL

O Planejamento na Perspectiva do Desenho Universal para Aprendizagem- DUA se configura como um desenho de currículo que responde às características de aprendizagem dos estudantes. Um currículo flexível e ajustável, em lugar de um currículo rígido, a partir do qual todos os estudantes devem receber e processar a informação da mesma forma. No DUA ao contrário de outras abordagens que buscam adaptar/flexibilizar/adequar/diferenciar o currículo apenas para o estudante com deficiência, o planejamento é construído em uma perspectiva coletiva.

Observa-se que alunos com deficiência na maioria dos casos ficam esquecido na sala de aula, e são pouco valorizados pela condição que apresenta. As diferenças e limitações individuais, apresentadas pelos alunos que têm DI, não devem ser motivo que impeça seu desenvolvimento acadêmico. O que se pode assegurar na escola inclusiva a esse aluno é um

conjunto de procedimentos pedagógicos que promovam o seu pleno desenvolvimento no processo ensino aprendizagem. Oferecer apoio e recursos diferenciados que contemplem a necessidade especial do aluno é papel fundamental da escola. Recorrer à elaboração de estratégias inovadoras, adaptar seu currículo, eliminar barreiras e capacitar professores é o caminho para se atender com qualidade o deficiente intelectual. O professor deve estar atento às dificuldades demonstradas pelo aluno no dia a dia na sala de aula, para assim, elaborar e sistematizar estratégias de ação específicas, garantindo o seu desenvolvimento e evolução na sua aprendizagem. Os recursos didáticos inclusivos por serem dinâmicos, por si só, auxiliará muito o professor, contribuindo com os diversos aspectos e principalmente na alfabetização.

O produto final desse trabalho, resume-se na alegria e satisfação, de ver um aluno com Deficiência Intelectual-DI e com outras deficiências,(TEA, TDAH, etc) sendo protagonista do seu próprio trabalho, confeccionando o seu próprio recurso. Também por ver os seus colegas de sala de aula, envolvidos na produção, ambos ensinando, aprendendo, dando todo apoio, incentivando e motivando, isso é algo valioso, pois mostra realmente todo o trabalho que escola tem feito, para que os alunos com deficiência sejam incluídos nas diversas atividades, garantindo assim a sua plena participação. Tudo isso vem contribuir para que a inclusão realmente aconteça e que ninguém fique para trás.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016

FASCÍCULO teórico-prático: Planejamento de Atividades Didáticas na Perspectiva do DUA . Bagé,RS:Universidade Federal do Pampa-Unipampa, n. 3, 2024.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas,2008.

GÓES, A. R. T.; Silva, G. J.; Berbetz, M. R. S. Redesign de material didático na perspectiva do Desenho Universal. Revista Benjamin Constant, 29(67), 1-20, 2023.

MEYER, A., Rose, D.H., & Gordon, D. Universal Design for Learning: Theory & Practice. Wakefield, MA: CAST Professional Publishing, 2014.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. V. Manual de Investigação em Ciências Sociais. 4 ed, Lisboa: Ed. Gradiva,2005

RODRIGUES, D. (Org.) Inclusão e Educação. Doze Olhares sobre a Educação Inclusiva. São Paulo: Summus, 2006

SANTOS, Sandra Felix; GHILARDI-LOPES, Natalia Pirani; MELRO, Joaquim. Material didático inclusivo como fazer?: um guia para a elaboração de materiais didáticos na perspectiva do desenho universal de aprendizagem. São Paulo: UFABC, 2021. E-book.Disponível em <https://olimpiada.maredeciencia.eco.br/wp-content/uploads/2021/11/Material-Dida%CC%81tico-InclusivoComoFazer-030c1c91.pdf>. Acesso em: 1 agos. 2025

STAKE, R.E. A arte da investigação com estudos de casos.3ed.Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

YIN, R.K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5ed.Porto Alegre: Bookmam, 2015.

ZERBATO,Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. Educação Unisinos, v. 22, n. 2, p. 147-155, 2018.

PODCAST “VOZES DA ESCOLA”

Aryanne Santana De Vasconcelos, Francielly Pereira Vieira Isis Da Paixao Costa, Paula Lethicia Alves Teles, Silvia Leticia Dos Santos Damasceno, Prof.^a M.a. Germania Aparecida Nunes Alves de Souza

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema o uso do podcast como instrumento de comunicação e aprendizagem na escola. A ideia surgiu a partir da necessidade de criar um espaço onde estudantes pudessem expressar suas opiniões, compartilhar experiências e divulgar as atividades realizadas na escola.

A equipe de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental semi-integral da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, planejou e elaborou o projeto para beneficiar a escola e a comunidade do bairro João de Deus, localizado na cidade de Petrolina-PE. Assim, nasceu o projeto “Vozes da Escola” cujo produto final foi o perfil em uma rede social, o Instagram, a rede escolhida foi devida a sua visibilidade e popularidade no Brasil.

O podcast representa uma ferramenta pedagógica inovadora, capaz de promover autonomia, protagonismo e letramento digital entre os estudantes. O formato sonoro pode facilitar a comunicação e permitir que o conteúdo seja acessado de forma democrática. Rosa (2022) defende que a produção de podcasts educacionais favorece o protagonismo juvenil e estimula reflexões sobre temas ligados à escola e à juventude.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Promover a integração entre os espaços educativos e a comunidade local por meio da educomunicação, utilizando o podcast como ferramenta

tecnológica desenvolvida pela equipe do 9º ano da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti.

Objetivos específicos

1. Compreender o papel do podcast como recurso pedagógico e educacional na escola;
2. Desenvolver habilidades de produção textual e oral por meio da gravação de episódios;
3. Divulgar as ações e projetos da escola através do Instagram “Vozes da Escola”.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com os estudantes do 9º ano da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, município de Petrolina - PE. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva, fundamentada inicialmente em uma revisão bibliográfica com materiais pesquisados pelo Google Acadêmico e a biblioteca eletrônica SciElo, sobre o uso do podcast na educação.

Em seguida, oficinas de produção de áudio foram organizadas, nas quais a equipe pôde aprender sobre roteiro, gravação e edição. Os episódios foram produzidos com base em temas do cotidiano escolar e divulgados no perfil do Instagram “Vozes da Escola”.

As etapas para o desenvolvimento do podcast e divulgação:

1ª etapa: no mês de abril o planejamento entre a equipe e a professora orientadora através de reuniões dentro da sala de aula e início do trabalho escrito.

2ª etapa: nos meses de maio a julho a pesquisa bibliográfica de materiais através da plataforma do Google Acadêmico e da biblioteca eletrônica SciElo, as palavras-chave utilizadas foram: podcast, escola, educação e tecnologia.

3ª etapa: no mês de agosto pequenas oficinas nas quais a professora orientadora explicou sobre criação de roteiros, planos fotográficos com a câmera do celular “Infinity Positivo” e edição de imagens no aplicativo Canva, edição de vídeos com o aplicativo YouCute, aquisição dos equipamentos que são utilizados para as gravações: 2 microfones sem fio de lapela, 2 microfones de mesa para computador, um tripé de 1,80 m, uma luz ring light com três opções de iluminação.

4ª etapa: no mês de setembro as primeiras gravações dentro do espaço escolar e a criação da conta na rede social Instagram.

5ª etapa: no mês de outubro observação do perfil da rede social e finalização do trabalho escrito.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O podcast é uma mídia que tem conquistado espaço na educação por seu potencial de promover a aprendizagem ativa e a autoria discente. Segundo Melo (2025), o uso pedagógico dos podcasts amplia as possibilidades de ensino, tornando a aprendizagem mais significativa e conectada à realidade dos estudantes. Para Rosa (2022), ao produzir podcasts, os alunos passam a refletir sobre temas de interesse, desenvolvem projetos de vida e fortalecem sua autonomia intelectual.

Cavalcante Filho (2021) destaca que o podcast é um recurso acessível e de baixo custo. Isso é capaz de potencializar o processo de mediação do conhecimento, especialmente no ensino fundamental. Os podcasts podem promover uma educação crítica e cidadã, em que o estudante deixa de ser apenas ouvinte para tornar-se produtor de conteúdo e participante ativo do processo educativo.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Durante o desenvolvimento do projeto, a equipe ficou empenhada em participar das gravações e propor temas para os episódios. O processo de criação pôde despertar o senso de pertencimento e o desejo de comunicar da equipe através dos trabalhos planejados.

Os roteiros foram escritos pelas integrantes da equipe e corrigidos pela professora orientadora. Três quadros foram criados e inseridos dentro do perfil do Instagram: o 1) o programa gravado de podcast; 2) o quadro “Fala, Estudante!”; 3) e o quadro “Reportagem Especial”.

A página “Vozes da Escola” da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavacanti foi criada e publicada no dia 5 de setembro de 2025, até o momento, os números do perfil da rede social alcançaram: 126 seguidores orgânicos e a totalização de materiais postados têm um total de 19.108 visualizações. A página alcançou insights de um total de 21.580 visualizações em 30 dias.

O painel profissional da rede social para páginas públicas e profissionais mostrou as seguintes informações: 1) visualizações: seguidores 53,0% , não seguidores 47,0%; 2) tipos de conteúdos totais: posts 46,1%, reels 39,3% e stories 14,6%; 3) o vídeo mais assistido: primeiro episódio com 2.462 visualizações; 4) curtidas: 453 no total.

Esses resultados demonstram o potencial de continuidade e expansão do projeto, consolidando o podcast como ferramenta de educomunicação.

Tabela 1: Informações de Alcance da Página “Vozes da Escola”

CIDADES	PAÍSES	FAIXA ETÁRIA	GÊNERO
Petrolina – PE 82,2%	Brasil 99,8%	18 – 24 anos 22,6%	Homens 41,4%
Juazeiro – BA 2,7%	Portugal 0,2%	25 – 34 anos 22,1%	Mulheres 58,6%
São Paulo – SP 1,0%	--	35 – 44 anos 21,1%	--
Salgueiro – PE 1,0%	--	13 – 17 anos 20,6%	--

Fonte: As autoras (2025).

Observa-se que a maior concentração do público está em Petrolina – PE 82,2%, o que é coerente com a localização da escola, mostra que o projeto tem maior visibilidade e engajamento no contexto local. Isso reforça o potencial da página como meio de comunicação comunitária e escolar, aproximando a instituição de seu público-alvo direto.

No que se refere à faixa etária, nota-se que essa distribuição equilibrada revela que o conteúdo do “Vozes da Escola” desperta interesse não apenas entre jovens estudantes, mas também entre adultos, possivelmente professores, pais e membros da comunidade.

Quanto ao gênero, o público é formado majoritariamente por mulheres 58,6%, enquanto os homens representam 41,4%. Essa predominância feminina pode estar relacionada à forte presença de mulheres em ambientes educacionais e comunitária. De modo geral, os dados indicam que a página apresenta um alcance local significativo. O interesse de públicos variados em idade e gênero demonstra que o projeto vem cumprindo sua função de promover o diálogo entre escola e comunidade.

Imagem 1: Primeiro Episódio do Podcast



Fonte: As autoras (2025).

Imagem 2: Logotipo do Programa @podcastvozesdaescola



Fonte: As autoras (2025).

6 PRODUTO FINAL

O produto final do projeto foi a criação e o desenvolvimento da página “Vozes da Escola” no Instagram, espaço digital que reúne os episódios do podcast e outras produções educacionais realizadas pela equipe do 9º ano da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti. A escolha dessa rede social ocorreu devido à sua ampla visibilidade, facilidade de interação e alcance entre jovens e membros da comunidade escolar, nesse espaço foram divulgados os episódios do podcast e fotos dos bastidores.

O perfil @podcastvozesdaescola foi criado com o objetivo de divulgar as ações e projetos desenvolvidos na escola, além de promover a participação ativa dos estudantes na produção de conteúdos educativos. O formato do podcast permitiu que as alunas da equipe atuassem como apresentadoras, roteiristas, narradoras e produtoras, favorecendo as habilidades leitura, escrita e oralidade. A intenção é dar prosseguimento às produções de podcasts e publicações no perfil do Instagram, ampliando a participação dos estudantes e fortalecendo o diálogo com a comunidade escolar. Dessa forma, o projeto seguirá como um espaço de aprendizagem, expressão e protagonismo estudantil, promovendo escola e comunidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Gílian C.; MENTA, Eziquiel. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, v. IX, n. 1, p. 1-15, 2007.

CAVALCANTE FILHO, Orlando Bezerra. O podcast como instrumento tecnológico de ensino: diagnóstico do trabalho docente no ensino fundamental II. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

MELO, Suely Rodrigues de. Podcast na educação: perspectivas contemporâneas. *Revista Educação Contemporânea*, v. 2, n. 4, 2025.

ROSA, Renan Silveiro. Podcast educacional como recurso pedagógico: práticas educativas sobre juventude, trabalho e transição para o ensino médio em uma escola de ensino fundamental de Alvorada/RS. Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

VOZES SILENCIADAS: A DESVALORIZAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Alice da Silva Gonçalves da Penha, Ana Júlia de Oliveira Santos,
Maria Monalisa Gomes do Nascimento, Viviane da Silva Alves, Prof.^a
M.a. Luiza Flávia Maciel Mudo

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como base estudos científicos já realizados por diferentes autores que analisaram o processo de desvalorização da cultura quilombola no Vale do São Francisco. Sampaio (2012); Guena e Santos (2021), Carvalho; Neto e Busso, 2017; Francisca (2021) apontam que, embora as comunidades quilombolas representem pilares da identidade afro-brasileira, elas ainda enfrentam invisibilidade social, dificuldades de reconhecimento e ausência de políticas públicas efetivas. No Vale do São Francisco, onde convivem modernização agrícola, expansão urbana e desigualdades históricas, os saberes tradicionais e práticas culturais quilombolas têm perdido espaço. Munanga (2004) reforça que o reconhecimento das identidades negras e quilombolas é um passo essencial para superar o racismo estrutural e promover justiça social. Assim, com base em pesquisas acadêmicas já publicadas, este trabalho reúne informações e reflexões sobre a desvalorização da cultura quilombola, buscando dar visibilidade às suas vozes e lutas.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar, a partir de pesquisas acadêmicas, os fatores que contribuem para desvalorização da cultura quilombola no Vale do São Francisco e refletir sobre caminhos para valorização cultural.

Objetivos específicos

- Reunir e comparar resultados de estudos que investigam a realidade quilombola no Vale do São Francisco;
- Identificar fatores econômicos, sociais e culturais que contribuem para a invisibilidade quilombola;
- Discutir o papel das políticas públicas e da escola na valorização cultural;
- Destacar práticas e experiências positivas de resistência cultural.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico e qualitativo, fundamentada na análise de artigos, dissertações e livros que tratam da realidade das comunidades quilombolas do Vale do São Francisco. Entre as principais fontes estão as pesquisas de Sampaio (2012), Silva, Carvalho Neto e Busso (2017), Francisca (2021), e o livro organizado por Guena e Santos (2023). Foram observados os contextos, os métodos utilizados por esses autores e os principais resultados alcançados, com o objetivo de compreender o fenômeno da desvalorização cultural sob diferentes perspectivas.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Arruti (2006), os quilombos são espaços de resistência, memória coletiva, fundamentais para compreender a formação da identidade afro-brasileira. Pesquisas recentes, como as de Silva, Carvalho Neto e Busso (2017), indicam que a falta de políticas públicas consistentes e a negligência institucional contribuem para o enfraquecimento das manifestações culturais. Sampaio (2012) observou, em comunidades quilombolas-vazanteiras do São Francisco, que o isolamento e a ausência de políticas culturais geram apagamento simbólico e social.

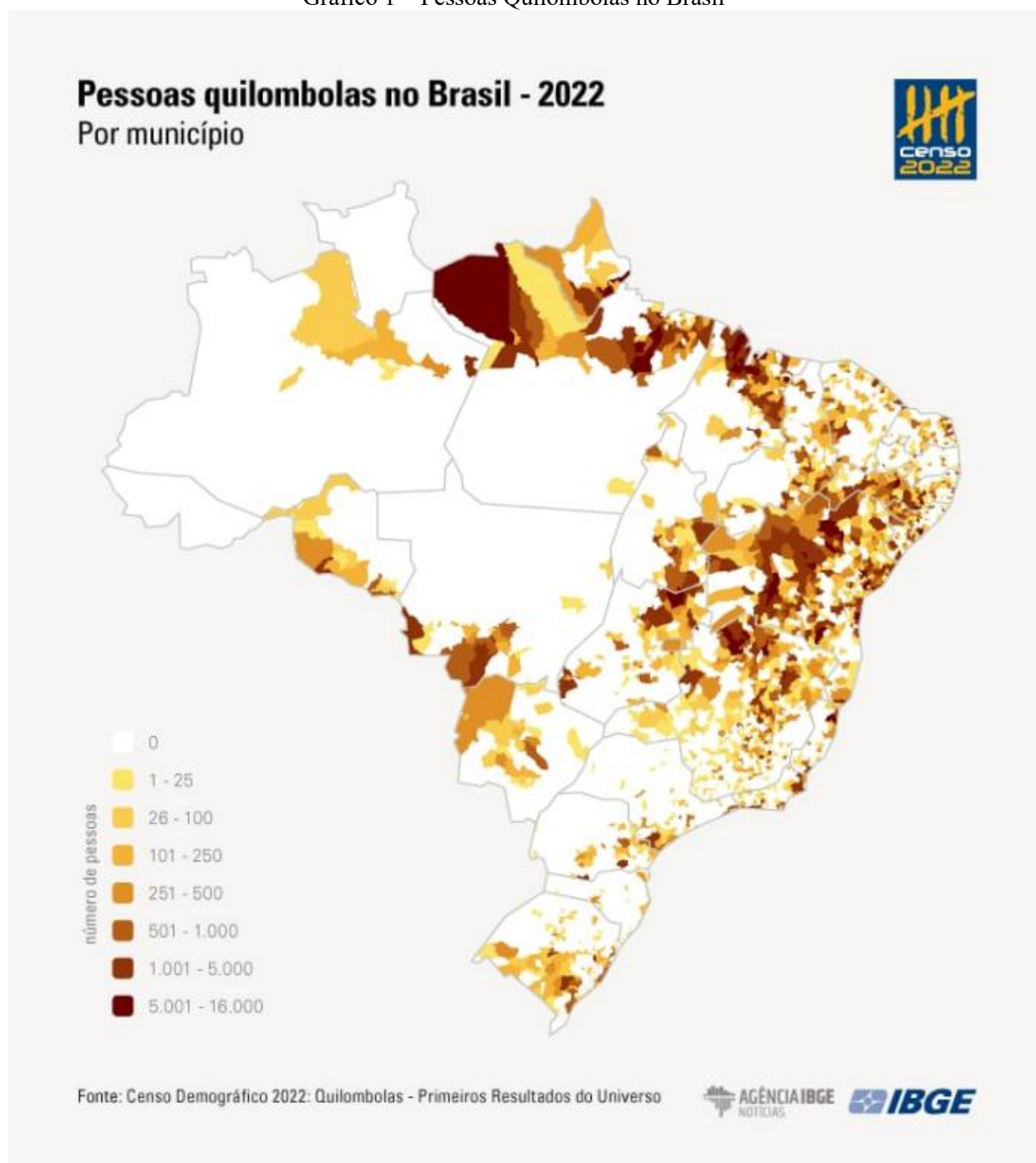
Francisca (2021), ao estudar a comunidade quilombola Caatinguinha, identificou que a perda de práticas tradicionais está ligada à limitação de acesso à terra e recursos naturais. Guena e Santos (2023) ressaltam que, mesmo diante das dificuldades, há resistência e criatividade cultural nas comunidades quilombolas do Vale do São Francisco, que continuam lutando por reconhecimento.

5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

As pesquisas consultadas revelam um cenário de contrastes. Por um lado, as comunidades quilombolas mantêm viva sua cultura por meio de danças, festas religiosas e tradições orais; por outro, enfrentam processos de exclusão e invisibilidade. Estudos de Feitosa et al. (2022) indicam que a atuação do Estado é fragmentada e insuficiente, o que contribui para o enfraquecimento das identidades locais. No entanto, autores como Guena e Santos (2023) destacam exemplos de resistência, como festivais culturais e projetos escolares de valorização da memória quilombola. Essas iniciativas demonstram que, mesmo diante das dificuldades, há um movimento contínuo de reconstrução cultural e reafirmação identitária.

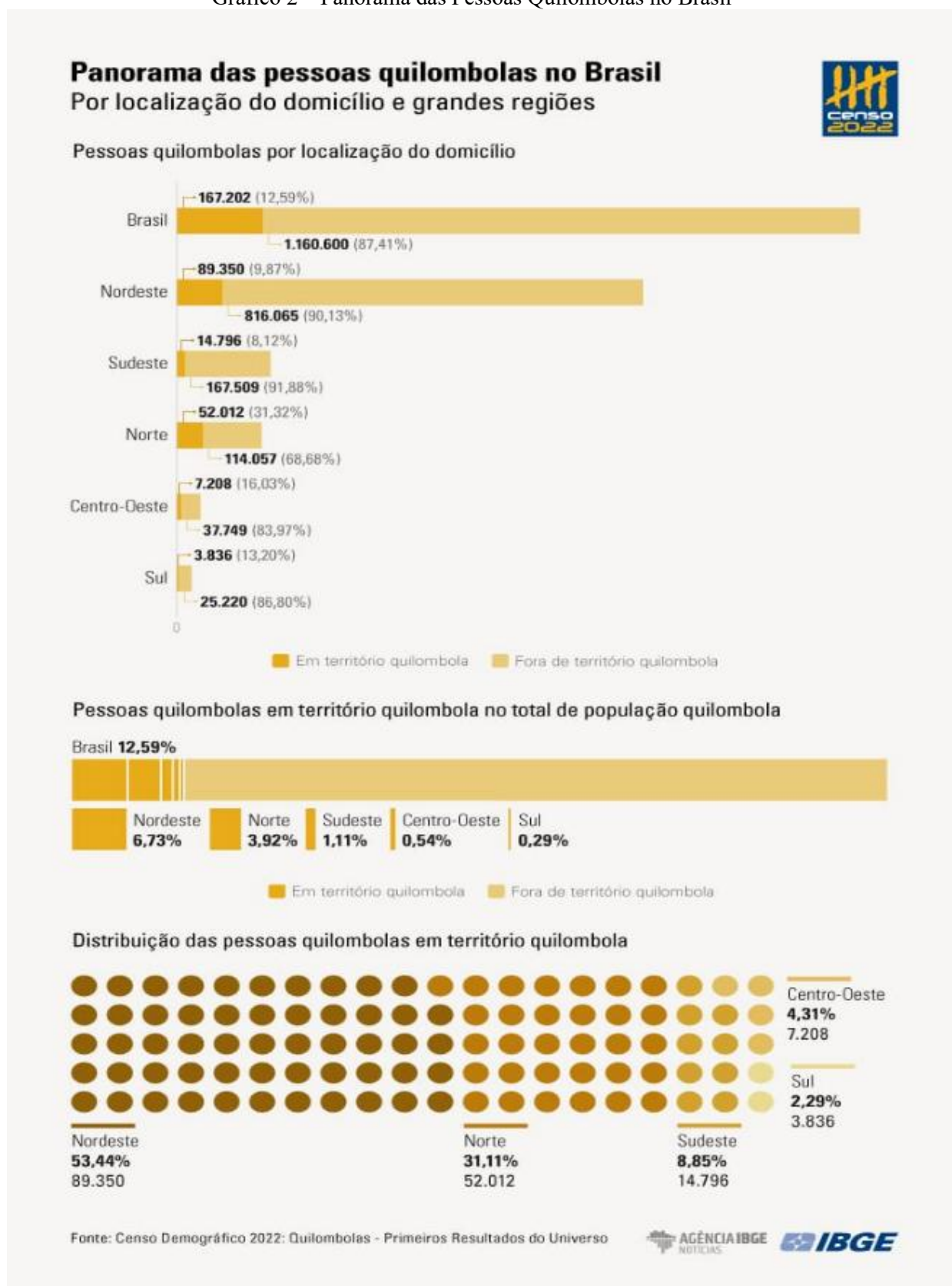
Segundo o Censo 2022 (IBGE), o Brasil possui 1.327.802 pessoas quilombolas, concentradas principalmente no Nordeste, com cerca de 68% dessa população.

Gráfico 1 – Pessoas Quilombolas no Brasil



Fonte: IBGE (2022)

Gráfico 2 – Panorama das Pessoas Quilombolas no Brasil



Fonte: IBGE (2022)

A Bahia e o Maranhão são os estados com maior número de comunidades, e Pernambuco se destaca com mais de 78 mil quilombolas.

Apesar de muitas comunidades viverem em territórios oficialmente reconhecidos, ainda há falta de reconhecimento e regularização de terras, o que dificulta o acesso a direitos e políticas públicas. Esses dados revelam a força e resistência histórica dos quilombos, que, mesmo diante da desvalorização, seguem preservando sua cultura, identidade e modo de vida.

6 PRODUTO FINAL

Como produto final, foi criada uma página Instagram dedicada às curiosidades quilombolas: um espaço feito para dar voz e valor a quem, por muito tempo, foi silenciado. Por meio de postagens simples, mas cheias de significado, buscamos mostrar as tradições, a força e a beleza que os quilombos mantêm vivas até hoje.

O objetivo dessa ideia foi aproximar as pessoas dessa cultura tão presente no Vale do São Francisco, despertando respeito, admiração e orgulho pelas raízes que moldam nossa identidade.

Além disso, realizamos apresentações para as turmas do 6º, 7º e 8º ano da Escola Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, nas quais apresentamos slides explicativos, conscientizando sobre a importância dos quilombolas na formação da sociedade brasileira e incentivando a valorização de sua cultura e história.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos analisados, conclui-se que a desvalorização da cultura quilombola no Vale do São Francisco é resultado de um conjunto de fatores históricos, sociais e políticos. A ausência de reconhecimento institucional e a falta de políticas efetivas reforçam a invisibilidade dessas comunidades. No entanto, as pesquisas destacam também o poder da

resistência cultural — seja nas festas, na arte, na música ou nas práticas religiosas. Dessa forma, este trabalho reforça a importância de políticas públicas e ações escolares voltadas para o fortalecimento da identidade quilombola, garantindo que suas vozes não permaneçam silenciadas.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício. Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011. FEITOSA, Flavia Regina Sobral; Annablume, 2006

CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de; LACERDA, Roberto dos Santos. Comunidades quilombolas e políticas públicas: invisibilidade ou inclusão? Revista Equador, UFPI, 2022.

FRANCISCA, Simone ([na verdade: Simone Francisca Ramos de Sousa]). “Caatinguinha é tudo na vida”? Relações sócio-produtivas da comunidade quilombola Caatinguinha no território de Águas do Velho Chico (Orocó-PE). Juazeiro-BA: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), 2021. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural).

GUENA, Márcia; SANTOS, Ceres (Orgs.) Dissertação (Mestrado) – UNIVASF, 2021., Ceres (Orgs.). Quilombolas do Vale do São Francisco: resistências, disputas e conquistas. Curitiba: CRV, 2023.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2004.

SAMPAIO, Cristina Andrade. Representações culturais de quilombolas-vazanteiros: um segmento da cultura inclusiva no Acampamento Rio São Francisco. Dissertação –UNIFESP, 2012.

SILVA, Lucélia C. M.; CARVALHO NETO, Moisés F.; BUSSO, Adriana F. Comunidades quilombolas do sertão de Pernambuco: diálogos sociopolíticos na construção de uma educação emancipatória. Revista FAEBA, 2017.

TRABALHOS PREMIADOS

Participação e destaque dos trabalhos apresentados em importantes eventos científicos regionais realizados nos meses de novembro e dezembro de 2025, na cidade de Petrolina-PE, Vale do São Francisco. Esses momentos representam o reconhecimento do empenho, da criatividade e da competência investigativa dos nossos estudantes e professores orientadores.

II MOSTRA CIENTÍFICA FACES DA CIÊNCIA 2025 ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSORA MARIA WILZA BARROS DE MIRANDA

- Categoria Iniciação Científica - Ensino Fundamental

2º lugar: Produção de Recursos Didáticos Inclusivos na Perspectiva do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

3º lugar: *Podcast* “Vozes da Escola”.

V FEIRA DE CIÊNCIAS DO IF SERTÃO PE - CAMPUS PETROLINA 2025 INSTITUTO FEDERAL DO SERTÃO PERNAMBUCANO

- Categoria Ciências da Saúde

1º lugar: Saúde Mental na Era Digital.

3º lugar: Doenças comuns, mas pouco conhecidas no Brasil.

- Categoria Ciências Sociais

3º lugar: Vozes Silenciadas: A Valorização da Cultura Quilombola no Vale do São Francisco.

- Categoria Ciências Sociais Aplicadas

1º lugar: Sementes Financeiras: Plataforma de Minicurso de Educação Financeira na Escola.

2º lugar: Bullying, Racismo Escolar e no Esporte: Um Mesmo Problema em Diferentes Lugares.

- Categoria Ciências Humanas

1º lugar: Nomofobia: Dependência Tecnológica nas Escolas.

2º lugar: Produção de Recursos Didáticos Inclusivos na Perspectiva do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

- Categoria Ensino Fundamental Geral

3º lugar: Nomofobia: Dependência Tecnológica nas Escolas.

SOBRE A ESCOLA

A Escola de Referência em Ensino Fundamental Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, localizada no bairro João de Deus, em Petrolina - PE, é uma instituição pública estadual semi-integral, que atende aos ensinos Fundamental e Médio, além de ofertar turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola é reconhecida na região por sua atuação social e educacional, sendo um importante espaço de formação para crianças, adolescentes e adultos do bairro e de áreas vizinhas.

A história da EREFEM Eneide Coelho Paixão Cavalcanti teve início no ano de 1997, quando foi oficialmente entregue à comunidade. Sua criação foi resultado da luta e das reivindicações dos moradores do bairro João de Deus e, portanto, vem como uma conquista da população local, que desejava garantir o direito à educação e melhores oportunidades para seus filhos.

O nome da escola é uma homenagem à professora Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, lembrada com carinho pela comunidade petrolinense por sua dedicação à educação e pelo trabalho prestado ao longo de sua carreira. Sua trajetória inspirou a escolha do nome da instituição, simbolizando o compromisso com a formação humana e o desenvolvimento social através da educação pública de qualidade.

Gestora:

Jussiclécia Pereira Alencar

Assistente de Gestão:

Geane Alves Lima Santana

Chefe de Secretária:

Badu Delmondes Teixeira

Assistente administrativo:

Gisélia Cristina de Araújo Nascimento

Educadoras de Apoio:

Lêuda Ferreira Fernandes

Rosiana de Brito Luz Castro

Analista Educacional:

Geisiane de Souza Ribeiro

Psicólogo:

Jackson Roberto da Silva Magalhães

Apoios Pedagógicos:

João Batista da Costa

Clarice de Souza Silva

Kelly de Amorim Galvão

José Aldo Vasconcelos Gomes

REALIZAÇÃO:



ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.